DICCIONARIO

DE

EQUITAÇÃO

POR

JAYME FREDERICO CORDEIRO

Tenente coronel do estado maior de infanteria

LISBOA

TYP. E LITH. DE ADOLPHO, MODESTO & C.ª

FORNECEDORES DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

Rua Nova do Loureiro 25 a 43

1886

DICCIONARIO

DE

EQUITAÇÃO

POR

JAYME FREDERICO CORDEIRO

Tenente coronel do estado maior de infanteria

Eduardo Aug.to L. Valladas
cap.te de cav.ª
400 rs 1892

Valladas

LISBOA
TYP. E LIT. DE ADOLPHO, MODESTO & C.ª
FORNECEDORES DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

25 a 43, Rua Nova do Loureiro, 25 a 43
1885

ADVERTENCIA

Os diccionarios constituem hoje um meio commodo de vulgarisação scientifica, porque facilitam a todos os que não dispõem de tempo necessario para a leitura de bons tratados, nem dos meios pecuniarios para os adquirirem, o poderem alcançar, com pequeno trabalho e insignificante dispendio, noções geraes sobre cada um dos pontos relativos á sciencia de que esses diccionarios se occupam.

E' por isso que, nos paizes onde se cuida a serio no derramamento da instrucção, e onde abundam os espiritos sinceramente devotados aos progressos scientificos, existem publicados innumeros diccionarios, puramente especiaes ou technologicos, sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Em Portugal já alguma cousa se tem feito ultimamente n'este sentido, e pena é que ainda hoje o seu numero seja tão limitado, que em muitas occasiões se lamente a falta d'esses livros.

Foi isso o que nos succedeu quando recentemente precisámos consultar o *Regulamento para a instrucção da cavallaria* publicado em 1878 [1], e mais sensivel se nos tornou

---

[1] Pouco tempo depois d'este Regulamento ser distribuido aos regimentos de cavallaria, foi sustada a sua execução, cremos que, devido á sua doutrina evolucionaria ou tactica de combate proprio d'esta arma.

essa falta, por sermos estranhos á nobre arma a que esse regulamento diz respeito.

Apesar do attencioso cuidado que empregámos no estudo d'esse valioso trabalho, de um grande alcance pratico e de um alto merecimento scientifico como todos os escriptos militares de que foi auctor, ou em que collaborou o muito esclarecido e benemerito coronel de cavallaria Antonio José da Cunha Salgado, cuja perda ainda hoje o exercito deplora, a interpretação de certos termos de equitação, deixou-nos por vezes bastante embaraçados, por nos faltar um expositor onde podessemos de prompto encontrar os esclarecimentos precisos nas duvidas que nos occorriam.

Foi sobretudo a doutrina que se desenvolve no cap. 2.° da Parte I d'esse regulamento, o que mais particularmente nos despertou o pensamento de prestar um pequeno serviço ao nosso paiz, e principalmente ao exercito, a que temos a honra de pertencer, coordenando o presente Diccionario de Equitação, e ao mesmo tempo, concorrendo tambem com o nosso obscuro exemplo, para que essa tendencia que hoje se vai manifestando no paiz por estas obras, se avigore e ramifique.

Recorrendo aos livros que podêmos colher sobre o assumpto, á bem conhecida e classica *Arte* do marquez de Marialva, e áquelle regulamento tão desenvolvido e claro na instrucção e deveres do soldado de cavallaria, de todos elles extrahimos as definições dos termos, locuções e phrases que constituem a technologia d'esta arte.

A' nossa acanhada capacidade e nunca aos auctores que compulsámos, deverá o leitor attribuir os erros e omissões que porventura encontre no nosso trabalho; e escudando-nos com a benevolencia dos nossos camaradas, esperamos que elle seja de todos bem acceite, não pelo que intrinsecamente vale, mas só pelos bons desejos que nos levaram a affrontar as difficuldades da nossa tarefa.

A

A cavallo.—Posição normal do cavalleiro.—O mesmo que «MONTADO.» Nem sempre, porém, é synonimo; um ajudante de campo, por exemplo, pertencente á arma de infanteria é official «montado[1]» emquanto desempenha este serviço temporario «a cavallo».—Ha artilheria a pé (de guarnição ou posição); «montada» quando vão sentados os serventes nos reparos e nas outras viaturas, e «a cavallo» quando estes vão montados atraz da peça.

Como adverbio, distingue uma arma, corpo ou tropa que faz seu serviço regulamentar «a cavallo»:—como caçadores a cavallo.

No ensino da EQUITAÇÃO, é voz de execução que o picador emprega depois de haver dado a de preparação ou advertencia PREPARAR PARA MONTAR. (V. MONTAR).

A' garupa.—Modo porque a infanteria, em marcha forçada, pode alguma vez montar a cavallo.

A' guia.—Diz-se do primeiro ensino que o potro recebe no picadeiro, preso a ella. V. GUIA).

A' mão.—Locução adverbial para expressar a maneira de conduzir o cavallo desmontado.

As precauções com que o conductor deverá desempenhar este serviço, acham-se minuciosa e perfeitamente

---

[1] Na infanteria teem a designação de—montad[illegible]res superiores e ajudantes dos regimentos.

descriptas no *Regulamento de cavallaria*, que serve de principal base a este diccionario.

A mata cavallos.—Locução vulgarmente usada para expressar a rapidez no andamento do cavallo, exigida ou obrigada pelo cavalleiro. A TODA A BRIDA, A TODO O GALOPE, OU A DESFILADA e mais technico.

A pé.—Não montado, apeado, com o pé em terra.—Na instrucção equestre, é voz de execução para baixar do cavallo, ou pôr pé em terra; voz que o picador pronuncia rapidamente, depois de haver dado a de preparação ou advertencia PREPARAR PARA APEAR.

A' redea.—Diz-se do cavallo, quando é levado pelo freio, principalmente em sitios escabrosos em que o cavalleiro se apeia.—A' REDEA BATIDA. Com a redea cahida sobre o pescoço do cavallo para desfilar livremente.—A' REDEA SOLTA. A toda a brida; á desfilada. Desenfreadamente.

Açoute.—(V. AZURRAGUE).

Adestrado. -Cavallo exercitado para a guerra ou para o manejo.

Afrouxar.—Fallando-se do cavalleiro. AFROUXARSE a cavallo, é phrase technica de EQUITAÇÃO: deixar flexiveis as pernas sem opprimir o animal.—E' o que alguns chamam DESABRIGAR.

Agentes.—Meios de acção de que se serve o cavalleiro para se sustentar com firmeza sobre o cavallo, e governal-o. Dividem-se em: AGENTES DA FIRMEZA E AGENTES DO GOVERNO.

«Os agentes da firmeza do cavalleiro só pódem ser applicados sobre partes do cavallo taes, e por tal modo, que não vão affectar a sua sensibilidade; alias provocariam reacções do animal: pelo contrario os agentes do governo devem ser applicados sobre partes sensiveis do cavallo, a fim de que as suas acções obriguem o animal a ceder ou a reagir de certos e determinados modos. Assim, pela acção dos agentes da firmeza o cavalleiro liga-se como que *physicamente* ao cavallo: pela acção dos agentes do governo communica-lhe a sua vontade, isto é; liga-se qua-

si *moralmente* com elle; e pela combinação de uma e outra acção estabelece a ligação perfeita entre si e o cavallo.»

«Os agentes da firmeza são as coxas e os joelhos, que se fixam ao sellim pelo seu proprio peso, e que não precisam empregar esforço algum, emquanto o movimento ou reacção do cavallo não é equivalente a uma força capaz de levantar um peso superior ao do cavalleiro.

«N'este caso a força auxiliar dos dois agentes será a sua pressão contra o sellim, porém só na proporção da differença entre o peso a que corresponder a reacção e o peso do cavalleiro, isto é: se por exemplo, a reacção corresponder a uma força capaz de levantar 74 kilos, e o corpo pesar 70, a força auxiliar dos agentes bastará que seja de 4 kilos, ou de 2 por cada joelho, para que o cavalleiro se mantenha firme no sellim. Se as côxas forem roliças a ponto de impedirem os joelhos de exercer a pressão contra o sellim, serão ellas que a exercerão.»

«Os agentes do governo são as mãos, o tronco do corpo e as pernas do cavalleiro, que estão em contacto ou em communicação com o animal.»

«As mãos do cavalleiro estão em communicação com a boca do cavallo por meio das redeas e do bocado do bridão.»

«O tronco do corpo, pesando sobre o dorso do cavallo, está em communicação constante com os quartos dianteiros e com os quartos trazeiros.»

«As pernas estão em communicação com o corpo do cavallo, por isso que se pódem apoiar á vontade, e mais adiante ou mais atraz, contra as costellas do animal.»

«Os agentes do governo devem unicamente servir para amparar, dirigir ou solicitar um movimento, e nunca ser empregados com maior força do que a necessaria; porque, do contrario, não só o cavalleiro se fatigaria inutilmente, como tambem actuaria inconvenientemente sobre partes do animal, que devem, pela sua sensibilidade, estar sempre dispostas a receber a menor acção indicativa da vontade do cavalleiro.»

«Se o cavalleiro se servir dos agentes do governo para se segurar a cavallo, atacará a sensibilidade do animal, e provocará as suas resistencias.» (Reg. Cav.)

Agrião.[1]—Tumor de grossura variavel, que se desenvolve na ponta do curvilhão, produzido ordinariamente por contusões repetidas.

Agulha.—A' região mais alta do tronco ou corpo do cavallo, entre a crineira e o dorso, dão os diversos auctores os nomes de: AGULHA (simplesmente), AGULHA DORSAL, CERNELHA, e GARROTE.

AGULHA NASAL denomina-se tambem o CHANFRO.

Ajudas.—Os meios de que se serve o cavalleiro, com movimentos de mãos e pernas, para fazer marchar, guiar ou governar o cavallo. Marialva define assim:

«Os occultos movimentos de que se servem os cavalleiros para fazerem determinar os movimentos dos cavallos a ir para diante, para traz, para a direita, e para a esquerda, em termos da arte chamam-se AJUDAS. Estas consistem nos differentes movimentos das mãos, e equilibrio do corpo, joelhos, pernas, vara, e falla, de que necessariamente o cavalleiro se serve para avivar, animar, e conservar os cavallos no seu melhor, e mais perfeito movimento.»

O Regulamento de cavallaria, porém, distingue n'estes meios de acção do cavalleiro, os AGENTES do governo e da firmeza, e os AUXILIARES dos agentes do governo; e chama AJUDAS aos empregos momentaneos d'estes auxiliares, para supprir ou reforçar as acções dos mesmos AGENTES. V. AGENTES).

«São auxiliares dos agentes do governo no ensino do cavallo, e algumas vezes na pratica equestre, a ESPORA, o CHICOTE, a CHIBATA, o CABEÇÃO, o CHAMBRIÉ, o AÇOUTE, a VOZ, o ASSOBIO e o GESTO, que vão descriptos nos seus logares alphabeticos.»

«São os AGENTES que fallam sempre ao cavallo: o AUXILIAR serve para despertar-lhe a attenção, quando a acção do AGENTE é insufficiente. Os AUXILIARES só devem por

---

[1] N'este Dic. só trataremos das doenças externas mais communs ao cavallo, e que todos devem conhecer.

consequencia ser empregados como castigo, como recompensa ou como advertencia». (Reg. Cav.)

Alfario. -Cavallo brincão, que levanta muito as mãos, rinchando e saltando.

Alcançadura. -Contusão ou golpe que o cavallo faz em si mesmo, durante os movimentos da locomoção na parte inferior dos membros, tocando-se com um pe no outro, ou em alguma das mãos, resultando as vezes d'aqui manqueira.

Alifafes. Pequeno tumor molle sem calor em volta das articulações do jarrete; raras vezes faz manquejar o cavallo.

Almarado.—Nome que indica que uma parte da pelle do cavallo esta desprovida de coloração e coberta de pellos muito finos. Esta particularidade só existe por manchas circumscriptas junto das aberturas naturaes: assim um cavallo e ALMARADO nos beiços, nos olhos, etc.

Almatricha. —Manta apertada com uma cilha de que antigamente se usava nas cavalgaduras, diz o *Diccionario Contemporaneo* —Hoje ainda se faz uso da manta e cilha, porem sem esta denominação e sim com a de APPARELHO para montar em certas occasiões, ou para determinados serviços. -Modernamente o nome de ALMATRICHA, ou ALMATRIXA, como alguns escrevem, da-se a uma especie de almofada com bastas, que se põe sobre o albardão.

Almofaça. Chapa de ferro com um cabo por onde se maneja, composta de quatro ou cinco pequenas serras de dentes rombos e miudos com a qual, no acto da limpeza, se esfrega o corpo do cavallo. «A ALMOFAÇA só deve ser empregada quando o pello do cavallo for comprido e estiver empastado pelo suor, lama, caspa, ou escrementos, unicamente sobre as partes carnosas do corpo, onde o pello e mais crescido, e apenas para o desembaraçar. Nas partes menos cobertas de carnes, e em todo o corpo do cavallo, quando o pello for curto ou a pelle muito fina, empregar-se-ha a LUVA em logar da ALMOFAÇA. O emprego da ALMOFAÇA é portanto muito limitado» (Reg. Cav.)

Alquilador.—O que tem a profissão de alugar, comprar e vender cavallos.

Alter.—Raça de cavallos que, apesar da sua conhecida degeneração, tem geralmente mais consideração do que o cavallo betão e outros.

Alto manejo.—Chama-se a todos os exercicios, em que por vontade do cavalleiro, eleva o cavallo as extremidades, mais do que o necessario para a progressão.

Alveitar.—Nome volgar do VETERINARIO.

Alveitaria.—Arte de curar as enfermidades dos animaes domesticos; VETERINARIA, HIPPIATRICA.

Ancas.—As partes do corpo do cavallo que formam os dois lados da GARUPA (V. GARUPA)

Andadura.—Andamento defeituoso, entre o passo e o trote, que consiste no movimento alternado dos bipedes lateraes cujas batidas são simultaneas para cada um, d'onde resultam duas para as quatro extremidades: assemilhando-se n'isto ao trote, mas defferindo d'elle porque o corpo só é esteado de cada lado alternadamente, o que força os pes a rasarem constantemente o terreno com celeridade afim de se oppôr as quedas que esta disposição torna eminentes por causa da instabilidade do equilibrio.

Este andamento muito commodo para longas jornadas em estradas planas por ser muito doce para o cavalleiro, estava muito em moda na edade media, hoje porém está completamente regeitado pela moderna EQUITAÇÃO porque fatiga muito as espaduas do animal.

Andaluza.—Raça de cavallos hespanhoes, a mais bella da Peninsula Iberica, provenientes certamente, de cavallos deixados na Hespanha pelos mouros, que os tinham importado da Arabia. Consiste o seu principal merecimento na elegancia de formas, que em geral apresenta, e na facilidade com que são ensinados no alto-manejo.

Andamentos.—Os diversos modos de locomoção empregados pelo cavallo para se transportar d'um ponto a outro. E' termo regulamentar e usado nos livros modernos. (V. ANDARES.)

Os ANDAMENTOS são naturaes ou adquiridos (artificiaes) estes ultimos, resultam da educação do cavallo. — Os ANDAMENTOS naturaes dividem-se em bons e defeituosos. Os primeiros são: O PASSO, O TROTE e O GALOPE. Os outros teem differenças infinitas entre as quaes se destinguem principalmente a ANDADURA, O TRAQUINADO, O PASSO TRAVADO e O ENTRE-PASSO. Todos os ANDAMENTOS exigem a inclinação do centro de gravidade para o ponto para onde o cavallo se dirige; e a acção combinada de seus membros. Esta acção decompõe-se para cada membro em quatro phases: o *elevar* o *sustentar*, o *pousar* e o *appoiar*.

O *pousar* é sempre acompanhado de um som que se chama *batida* e de uma impressão no solo que se denomina *pista*.

Todos os ANDAMENTOS regulares bons, devem ser moderados, ligeiros, francos e leves.

A extensão dos membros anteriores será firme e graciosa. Os membros posteriores impellirão com graça e energia, e sem impuxões nem precipitação. Os grandes ANDAMENTOS muito precipitados fascinam o comprador vulgar, mas o verdadeiro conhecedor os evita como prejudiciaes e desprovidos da união e da brandura que são o agradavel no cavallo.

Andares.—Este termo usado na *Arte* do Marquez de Marialva para exprimir os differentes modos de progressão do cavallo, deveria ser technico attendendo áquella auctoridade, porem hoje, não é regulamentar nem usado nos livros modernos, como tambem o não e o termo ANDADURAS que, com a mesma significação, se encontra em alguns livros posteriormente escriptos aquella arte. (V ANDAMENTOS e ANDADURA).

Anglo-normanda.—Nome d uma raça de cavallos produzida pelo crusamento do meio sangue inglez com o sangue normando.

Ante-mão.—Na divisão do corpo do cavallo para o ensino da EQUITAÇÃO, entende-se por ANTE-MÃO, a que tambem se chama TERÇO ANTERIOR, tudo quanto está comprehendido entre as ventas e as extremidades anteriores (in-

clusive): tomando a palavra EXTREMIDADES na sua accepção mais ampla: (V. EXTREMIDADES) ou todas as partes que ficam para diante da mão esquerda do cavalleiro, na acção de montar.

Ao passo, ao trote, ao galope.—São as vozes de que se serve o PICADOR para fazer sair, em qualquer d'estes andamentos, os cavallos montados pelos seus discipulos ou recrutas; ou para os fazer mudar de cadencia, quando em marcha ou em movimento.

Apear. —Pôr a pé, baixar do cavallo. N'este sentido não é, ou não deve ser synonimo de desmontar, que não é technico. (V. DESMONTAR).

Apparelhar. Arrear.—Designa qualquer d'estes verbos a acção de collocar e distribuir convenientemente sobre as diversas partes do corpo do cavallo, todos os artigos de que se compõe o seu arreio. Consta esta operação de duas partes: SELLAR e ENFREAR (V. estes dois termos.)

Chamando-se ARREIO e não APPARELHO [1] ao conjuncto de artigos que se distribuem sobre o corpo do cavallo para se montar e governar, parece que o verbo ARREAR seria mais proprio que APPARELHAR, para designar essa operação. No emtanto, o verbo APPARELHAR, é regulamentar, e por isso technico na EQUITAÇÃO MILITAR. Na cavallaria só ha o toque de «BOTA SELLAS» para ordenar as duas operações de ENFREAR e SELLAR os cavallos.

Appoio. «Ao sentimento que reciprocamente produz a emboradura do freio por effeito das cambas, e rédeas na mão do cavalleiro, e boca do cavallo, chama-se, APPOIO» diz Marialva.

Aprumos. —A direcção que devem seguir os membros do cavallo, considerados no seu todo ou nas differentes regiões em particular, para que o corpo seja sustentado da maneira a mais solida e ao mesmo tempo a mais fa-

---

[1] O Reg. de Cav. somente emprega a denominação de apparelho ao conjuncto da manta e cilha.

voravel á execução dos movimentos: direcção indicada ao mesmo tempo, pela similhança dos angulos articulares e pela linha vertical. Os APRUMOS teem uma importancia capital, tanto na bondade como na duração dos serviços que o animal póde prestar. Todo o membro que se afastar dos APRUMOS regulares, satisfará mal seu duplo fim na proporção da quantidade do seu desvio.

E' pouco frequente a perfeição dos APRUMOS, e a sua imperfeição tem graus, os mais pronunciados são os que depreciam o valor do animal e ainda assim, conforme a natureza do serviço que se exige; no entanto elles tiram a graça e regularidade dos movimentos e impõem um trabalho penoso, para um effeito util menos completo ou menos duravel.

Arabe.—Applica-se este nome, a todos os cavallos do Oriente, porem, é mister reservar esta qualificação typica ou arabe puro sangue, ao cavallo que tem conservado as qualidades emmimentes do tronco que lhe deu origem. Sobrio, robusto, corajoso e infatigavel, o cavallo ARABE é o unico typo melhorador por excellencia, porque é a fonte onde todas as raças devem ir procurar as qualidades necessarias, afim de se rehabilitarem da decadencia em que teem cahido.

Arção.—Parte da sella tanto anterior como posterior que segura o assento ao cavalleiro. Diz-se ARÇÃO DIANTEIRO e ARÇÃO TRAZEIRO.

Ares de manejo.—São a cadencia propria aos movimentos do cavallo em cada um dos andamentos artificiaes.

A EQUITAÇÃO academica destinguiu-os em ARES BAIXOS quando o cavallo maneja junto ao solo, e ARES ALTOS quando se eleva mais no manejo.

«BOM AR. Quando os cavallos se movem com boa graça, levantando os braços, e movendo todas as partes do seu corpo com um desembaraço agradavel, dizemos que elles tem *Bom ar*» (Marialva).

Arestins.—Gretas ou fendas transversaes que forma a dobra da quartella do cavallo; teem ordinariamente

o caracter periodico, apparecendo no inverno e desapparecendo no verão.

Argel.—Chama Marialva ao cavallo que tem sómente o pé direito branco: ao que tem branco o pe e mão direita, chama-lhe ARGEL TRAVADO: o mesmo nome dá tambem ao que tem branco o pe direito e a mão esquerda; e quando é juntamente branco o pe e mão direita, e a mão esquerda, ARGEL TRESTAVADO, ou ARGEL MANALVO.

Armazenar.—Vicio que alguns cavallos contrahem accumulando uma porção de alimentos aos lados da bocca.

Arrancar.—Em sentido antiquado vencer. Tambem partir de carreira para seguir ou perseguir o inimigo correndo: «ARRANCAR ao galope a cavallaria» dizia-se antigamente. Hoje dizemos CARREGAR.

Arregaçar.—Defeito do cavallo, quando eleva demasiadamente os membros anteriores na marcha, perdendo assim tempo e força, que deviam ser aproveitados para a progressão. E' defeito commum do cavallo d'alto manejo, procurado por alguns amadores, porque dá aos movimentos mais graça, e faz com que o animal não abrace uma grande porção de terreno. Tambem e defeito proprio dos cavallos que tem o ante-braço curto, e a canella comprida e particular dos cavallos hespanhoes e das raças meridionaes.

Arreio.—Conjuncto de artigos indispensaveis ao governo do cavallo, firmeza e posição mais commoda do cavalleiro.

Arruado.—Se diz do cavallo habituado a caminhar pelas ruas de uma povoação, sem se espantar com a presença dos objectos que encontra, ou com o ruido produzido pelas viaturas etc.

Assentaduras.—Ferimentos no dorso do cavallo occasionados por alguma dobra da manta ou xairel, provenientes da sua má collação, na occasião de sellar o animal.

Assento.—Parte central do SELLIM propriamente destinada a sustentar o peso do cavalleiro, e que apresenta

dois pontos mais elevados, um na frente e outro na retaguarda.

No plural ASSENTOS, fallando-se da bocca do cavallo, é termo usado na *arte* de Marialva, para designar o que hoje se denomina BARRAS.

Assobio.—Como auxiliar dos agentes do governo no ensino do cavallo, o ASSOBIO produz effeitos notaveis sobre o systema nervoso do cavallo, e deve por isso ser pouco empregado (V. AJUDAS): brando e harmonioso, socega a sua irritabilidade; agudo e vibrante, anima-o e excita-o. E' com vantagem empregado no ensino dos cavallos nervosos.

Atirar.—Acção do cavallo quando dá couces.—ATIRAR Á ESPORA diz-se do cavallo quando atira com uma só perna procurando com o couce que assim dá, apanhar o calcanhar do cavalleiro, que o picou com a espora.

«Para evitar este defeito,—(diz o sr. capitão Jalles).—deve-se, logo que o cavallo tenha *atirado á espora*, chegar uma forte varada ou chicotada do proprio lado da perna que atirou, e obrigar tambem a cabeça, por meio do bridão, a voltar-se para o mesmo lado, obrigando-o a fazer piruetas em tal sentido.» (Bibliotheca do povo e das escolas.—Equitação.)

Atrelar.—Prender, sujeitar os cavallos á viatura, e tambem, sujeitar um cavallo a outro, ordinariamente montado, para passeio, data d agua distante, etc.

Axillas. —Chamadas vulgarmente SOVACOS,são as pregas que faz a pelle na juncção de cada um dos membros anteriores do cavallo com a parte inferior do peito.—INTER-AXILLAS é o espaço comprehendido entre as duas AXILLAS.

Azemula.—Cavallo velho e estropiado.

Aziar.—Instrumento de ferradores e alveitares. Consta de dois ferros ou dois páos torneados em quinas, que se lançam ao beiço superior dos cavallos ou muares, ou com que lhes apertam as ventas para estarem quietos em quanto os ferram ou lhes fazem algum curativo.

Azurrague. — Vulgarmente chamado AÇOUTE, diz

Marialva, é muito differente do CHAMBRIÉ. Formado de uma ou mais correias entrançadas e munido de cabo curto, o seu prestimo, no ensino dos potros, é quasi o mesmo do chambrié. Alguns escrevem AZORRAGUE.

B

Babilha.—O mesmo que SOLDRA, nome que mais communmente se dá a esta região do cavallo. (V. SOLDRA.)

Baias.—Varas de madeira, suspensas pelas extremidades por meio de cordas ou correntes a ganchos, ou fixas d'um lado á manjadoura e do outro ao tecto ou a postes verticaes, que separam as couxias nas cavallariças, para evitar que os cavallos se atropellem ou maltratem uns aos outros.

Nas cavallariças de luxo, as baias são formadas por tabiques de grossa madeira mais altos adiante e mais baixos para a parte posterior.

Baio.—Chama-se o cavallo com pellagem amarella mais ou menos viva, com o destinctivo essencial de crinas e extremidades pretas.

Balais.—Termo antigo. Vassoura ou instrumento proprio para a limpeza dos cavallos. Citado no *Regimento do Estribeiro-mór* de D. João II.

Balotada. Salto que se ensina ao cavallo, sustendo-o da mão, e ajudando-o com as pernas, de maneira que tendo os quatro extremos no ar, apresenta as ferraduras como se quizesse dar o couce, sem comtudo o desparar.

Barba. (PONTA DA) (V. MENTO).

Barbada. Parte da cabeça do cavallo situada entre o MENTO e a commissura dos beiços. E' sobre esta depressão transversal que a BARBELLA toma o seu ponto de appoio.

Esta parte interessa á EQUITAÇÃO unicamente pelo seu papel na embocadura, porque da sua boa ou má conformação, podem resultar os bons ou maus effeitos do freio.

Não deve ser muito cortante, afim de não ser impressionada em demasia pela BARBELLA. Muitos auctores convéem em que ella deve ser carnuda, de pelle espessa, e pouco sensivel á pressão da barbella. Esta região é muitas vezes a séde de feridas e callosidades occasionadas pelo aperto da barbella. V. BARBELLA, sendo a maior parte das vezes taes ferimentos devidos á falta de pericia do cavalleiro. M. Ricard diz que o cavallo de um bom cavalleiro jamais apresenta ferimentos ou escoriações n'esta parte, seja qual fôr a sua conformação, cortante ou arredondada. Porém, não é tanto assim, quando se trata de cavallos em serviço do exercito, porque n'uma carga, na perseguição do inimigo, ou em serviço de atiradores, não pode haver a ligeireza da mão do passeio, porque tanto para atacar como para defender, se exercem contracções involuntarias muito fortes sobre as redeas.

Em hippiatrica, tem tambem a denominação de BARBADAS estas mesmas chagas, feridas, ou callos de que acima se falla.

Barbella. Cadeia composta de uma serie de argolas de ferro, passadas e entrelaçadas umas nas outras, de modo que se possam assentar umas sobre as outras sem apresentarem differenças sensiveis em elevação.

A BARBELLA entra nos ganchos do freio que lhe são destinados.

Ha na barbella uma argolinha mais pequena e mais saliente, porque não está ligada como as outras, que serve para n'ella passar a gamarrilha, quando a ha.

«As melhores BARBELLAS, diz o coronel Salgado, são as chamadas *finas*, de malha e ligeiras, para que assentem muito chatas, e egualmente as peiores são as demasiadamente largas, pesadas, singelas, e de anneis muito grossos e tortuosos: os anneis d'estas barbellas assentam a nu sobre pontos separados da barbada, que impressionam doloro-

samente, e não teem n'ella alojamento sufficiente. Ha todavia barbellas singelas, formadas por anneis lisos, mais baratas, e que podem ser adoptadas para os cavallos de fileira, que são ordinariamente de raças menos finas, e por isso menos sensiveis. Para os cavallos extremamente sensiveis na barbada precisam as vezes as barbellas ser cobertas com couro macio, ou em parte substituidas pela fucinheira, a fim de tornar a sua acção mais suave. Se a barbella se eleva por effeito da acção de um freio que não seja conveniente, e este não póde facilmente ser substituido por outro conveniente, applica-se-lhe uma gamarrilha, ligeiramente fixada ás argolas das cambas, e puxando pelo annel que está solto ao meio da barbella. A gamarrilha impede a barbella de subir, e tambem que o cavallo apanhe as caimbas com os beiços.» (A *Questão da cavallaria*)

Bargada.—Face interna da perna do cavallo.

Bargado.—Diz-se do cavallo que tem a côr de entre pernas diversa da côr do resto do corpo.

Barras. Espaço interdentario que dos dois lados da maxilla, separa os dentes caninos ou presas dos mollares. E' sobre ellas que se appoia e obra o freio. Sua sensibilidade e assas variavel segundo a conformação de sua base ossea, e segundo o seu estado de integridade. As BARRAS são em gume, boleadas ou achatadas. No primeiro caso peccam por excesso de sensibilidade. A gengiva comprimida entre o bordo mui fino do osso e o bocado do freio faz soffrer o animal uma dôr mui viva que o leva a defender-se. No ultimo caso ha falta de sensibilidade, e então diz-se que as BARRAS são *carnudas*.

Deve pois escolher-se a conformação intermedia por estar nas melhores condições, ou por outra, deve-se modificar o bocado do freio segundo as differentes formas das BARRAS, pois raramente se encontrarão bem dispostas para o bom governo do cavallo. As BARRAS mais bem conformadas perdem promptamente suas boas qualidades sendo entregues a mãos inhabeis, que com pressões mui fortes ou muito repetidas lhes fazem achatamentos em sua superficie, ou escoriações a ponto de ficar o osso a desco-

berto. No acto da escolha do cavallo, deve-se averiguar se existem taes accidentes, não pelas consequencias que podem ter, mas sobretudo porque são indicios d'um animal que se tornou difficil de governar.

Batida.—O som produzido pelo pousar no solo de cada uma das extremidades, ou de cada bipede do cavallo.

Belfo.—Diz-se do cavallo quando tem o beiço de baixo descaido e pendente. Esta frouxidão algumas vezes é defeito natural, e indicio de temperamento molle e fraco, ou signal de velhice; outras um symptoma de molestias graves.

Bêta.—Malha branca que se nota entre as ventas de alguns cavallos.

Bico.—Por FOCINHO ou ponta do nariz do cavallo. É termo pouco frequente.

Bipede.—Reunião de dois membros do cavallo, considerados simultaneamente. Ha BIPEDE anterior, posterior, lateral direito, esquerdo e diagonal, servindo no ultimo caso o membro anterior para o classificar.

Birra.—Habito vicioso que alguns cavallos contrahem, e que parece transmittir-se aos outros por imitação; distingue-se da maneira seguinte: BIRRA DE MANJADOURA, que é quando o animal appoia os dentes na manjadoura, vicio grave, porque assim entretido deixa de comer por muito tempo, perde muita saliva, e recebe muito ar no estomago, o que o predispõe a colicas flatulentas, a indegistões, e o faz emagrecer: BIRRA COM APPOIO, é quando o animal morde nas prisões da cabeçada ou em outro qualquer corpo duro, ou então outras vezes encosta a cabeça contra o pescoço, como quando se ENCAPOTA: BIRRA NO AR, é quando finalmente o animal estende o focinho, abaixa-o, ou o volta de lado.

Boca.—Em EQUITAÇÃO, fallando se do cavallo, BOCA é particularmente o conjuncto de partes sobre que obra o freio.—Cavallo que não tem BOCA, ou que é *duro* de BOCA, o que não obedece ao freio.—BOCA *dura* a que resiste á mão do cavalleiro.

«A melhor boca de cavallo, diz o illustre coronel Salgado, tem beiços delgados, uma mucosa delgada e sensivel cobrindo as barras em aresta viva, e um canal de lingua sufficientemente profundo e espaçoso, para alojar muitas vezes uma lingua delgada.»

«A peior boca de cavallo é aquella, cujas barras são redondas, carnudas, cobertas por uma mucosa espessa e insensivel; que tem o canal da lingua muito pouco profundo, e insufficientemente espaçoso para alojar a lingua, a qual, alem d'isto, é muitas vezes grossa e espessa; e que tem beiços muito carnudos em forma de rebordos tambem espessos, que se mettem entre os bocados e as barras, e impedem a acção do freio.» (A *Questão da cavallaria*.)

Bocado. — Peça que liga perpendicularmente as CAMBAS do freio, formada por dois cylindros mais ou menos grossos, ligados na parte central por uma elevação de maior ou menor altura, mas de menor grossura do que os cylindros.

«Um bocado de ferro delgado, desegual ou anguloso comprime e actua mais sensivelmente sobre as barras, do que quando é espesso e arredondado, porque, assentando sobre ellas com menor superficie, comprime e actua mais suavemente.» (V. BARRAS.)

«O freio mais suave é portanto aquelle que tem um BOCADO muito espesso e redondo, com pouca ou nenhuma liberdade de lingua, e sendo as cambas curtas; o freio mais duro é, por consequencia, aquelle que tem um BOCADO muito delgado, ou, ainda peior, desigual ou anguloso, completa liberdade de lingua, e ramos inferiores das cambas proporcionalmente compridos. Para as bocas muito sensiveis devem fazer-se BOCADOS muito espessos e rectos, os quaes, comtudo, para se lhes diminuir o peso, se fabricam algumas vezes ócos.»

«A acção do BOCADO será ainda mais forte quando da liberdade da lingua, ou MONTADA, fizer um angulo de 20 a 30 graus com o plano que passar pelo eixo do BOCADO e linhas do freio, porque assim a MONTADA nas acções do governo, estará sempre proximamente perpendicular ao plano das barras, e não se encostará á lingua.»

«Diz se genericamente que a posição do BOCADO na boca do cavallo é proxima dos colmilhos: porem n'este logar as eguas não teem dentes, e nos cavallos, tanto inteiros como castrados, os colmilhos nascem umas vezes mais abaixo outras mais acima, e por isso é evidente que aquelle preceito de enfreamento se torna pouco exacto.»

«O BOCADO deve assentar na boca do cavallo em frente do alojamento da barbella, acima dos colmilhos e sobre as barras. D'esta exacta posição do BOCADO depende em parte, que a barbella não suba nem desça: o que é preciso evitar, porque assim perde o seu effeito: por exemplo: se o BOCADO estiver muito alto na boca do cavallo, a barbella subirá sempre. Alem d'isto a conservação das posições do bocado e da barbella depende da proporção exacta do ramo superior da alavanca.» (Salgado. A *Questão da cavallaria.*)

Boc'alvo.—Cavallo que tem uma ou ambas as pontas dos beiços brancos. Esta particularidade exprime-se tambem dizendo que o cavallo BEBE EM BRANCO do beiço superior, ou inferior, ou de ambos os beiços, completamente.

Boleto.—Região nos membros do cavallo, collocada entre a canella e a quartella. Tambem se denomina JUNTA DA QUARTELLA.

Bornal. Sacco de panno em que os cavallos comem, em determinadas occasiões, a cevada ou milho, mettendo-lhe o focinho dentro.

Bossas.—Elevações que se applicam sobre o panno da ferradura, no intento de dar correcção ao aprumo dos membros do cavallo, e oppôr maior resistencia ao gastamento desproporcionado da região onde o peso do corpo actua com maior intensidade

Botão. O remate superior em que se unem as duas redeas do bridão.—No plural BOTÕES são uns pequenos tumores que costumam nascer nas bordas das palpebras dos cavallos.

Botar-se.—Subtrair-se o cavallo á acção do BOCADO, intentando por meio de saltos e movimentos desconcertados deitar a terra o cavalleiro.

Bracejar. —Defeito no andar do cavallo que deita as mãos para fóra, inutilisando n'esta acção parte da força destinada á progressão.

Brida.—Antigamente constituia uma arte ou maneira de equitação especial por opposição á GINETA «cavallaria de brida» significava essencialmente, e fóra de outros promenores da sella e arreios, -andar a cavallo com estribos largos e as pernas tendidas. — MÃO DA BRIDA, entende-se por este nome, em EQUITAÇÃO, a mão esquerda. —CORRER A TODA A BRIDA, correr á desfilada, a todo o galope.

Bridão.—Especie de freio pequeno de ingonços, com dois anneis na parte superior das cambas, onde entram as faceiras da cabeçada, que lhe são destinadas, e duas argolas maiores na parte inferior para se alivelarem as suas respectivas redeas.. A parte do BRIDÃO que entra na boca do cavallo, e chamada BOCADO, e é formada por duas peças iguaes que são articuladas ao centro A sua posição deverá ser tal, que elle fique unido ás commissuras dos labios ou cantos da boca, sem que todavia os arregace.

Brussa.—Um dos artigos do trem de limpeza do cavallo. Escova grossa e arredondada que, no acto da limpeza, se applica em cheio sobre as diversas partes do corpo do cavallo, descrevendo com ella, durante esta acção, uma especie de semi-circulo.

Brussar. —Limbar com a BRUSSA. Verbo usado no *Regulamento de cavallaria*.

Bucephalo. Nome do cavallo de Alexandre o Grande: Bucephalo occupa o primeiro logar na historia dos cavallos celebres. -Por extensão: Cavallo de apparato ou de batalha.—Antigamente: Cavallo que entre os macedonios tinha como marca, uma cabeça de boi.

C

Cabear.—V. Rabijar.

Cabeça. —E' de todas as partes do corpo do cavallo aquella pela qual melhor se aprecia a sua origem e caracter moral: é a chave da sua individualidade. A mais bella cabeça encontra-se no cavallo arabe, que nos serve de typo. Para ser bem conformada deve ter a fórma chamada *quadrada*, sendo todas as suas partes perfeitamente desenhadas.

Considerando isolada e attentamente a cabeça e tapando, por assim dizer, todas as outras partes do corpo, adevinha-se o animal, isto é: conhece-se a conformação de todas as partes do seu corpo sem mais outra investigação, distinguindo-se as suas fórmas, organisação interior, intelligencia, aptidões e o seu caracter. A cabeça é o indicador das qualidades tanto physicas como moraes.

A cabeça apresenta ainda o cunho indelevel das diversas raças. Nos paizes meridionaes, a cabeça é secca e pequena; grossa e empastada nas raças do norte.

A cabeça collocada no extremo da alavanca cervical exerce n'este ponto uma grande influencia sobre as deslocações do centro de gravidade, para diante, para traz, e para os lados: ella accelera ou demora os movimentos progressivos, pelo seu volume e por as diversas posições que toma.

A cabeça dá uma idea exacta da capacidade pulmonar. Um chanfro largo, coincide com um peito amplo, um coração generoso, e solidos membros: as nazaes retrahidas acompanham-se d'um peito estreito, flancos compridos e membros delgados.

Os olhos pelo seu volume e brilho, denotam energia e distincção. Uns olhos pequenos e embaciados, caracterisam os individuos de raças communs, abastardadas e de constituições frouxas. O movimento das orelhas e o aspecto

dos olhos, exprimem o caracter do cavallo, que não podendo franzir o sobre-olho, como o homem, ameaça com o olhar e inclinando as orelhas para traz, quando se prepara para o ataque.

O cavallo cego move as orelhas em todos os sentidos, *para ver com os ouvidos.*

A intelligencia está na rasão do desenvolvimento da caixa craneana, o encephalo tem um grande papel na innervação, e d'elle que dependem todas as outras funcções, é por elle que se harmonisam os differentes actos de que a vida é o resultado.

O cavallo de fronte larga, comprehende bem, obedece facilmente, e por isso mesmo se dirige melhor e com mais segurança, sendo de um serviço mais aturado e agradavel.

Pelo contrario, os cabeças de *lebre*, *abauladas*, *acarneiradas*, *e estreitas*, não se acompanham das boas qualidades moraes. O cavallo que tem a cabeça verdadeiramente *abaulada*, e o idiota da especie, no dizer de M.r Curnieu.

A ponta do nariz e o mento, estas duas partes tão limitadas, são uma especie de dynamometro que se devem consultar, assim como a cauda.

A cabeça comprehende: a nuca, o topete, a testa, o chanfro, o focinho, a bocca e seus annexos, o mento ou barba, a barbada, a fauce, a garganta, orelhas, parotidas, fontes, olhos e seus annexos, faces, ganachas, ventas.

Cabeça de Mouro. Chama-se ao signal ou á cabeça do cavallo, quando a sua frente, ou toda ella é de côr preta, sendo o pellame de outra côr.

Cabeçada. Conjuncto de correias e fivelas destinadas a manter na bôca do cavallo o freio e o bridão; ha porem outra mais simples que e unicamente destinada a conservar o cavallo devidamente preso á manjadoura, e que por isso se chama CABEÇADA DE PRISÃO. Consta a CABEÇADA das seguintes partes que vão definidas nos seus logares alphabeticos: FACEIRAS, CACHACEIRA, TESTEIRA, SISGOLA e algumas ainda da FOCINHEIRA.

Cabeção. — Especie de cabresto composto de duas redeas de lã, grossas e soltas, e uma peça de ferro de meia canna, com que se cinge superiormente o focinho dos potros para os domar.

Cabos. — Todas as partes dos membros do cavallo situadas para baixo do joelho e do curvilhão. A maioria dos auctores empregam este termo, mas particularmente, quando tratam da pellagem do cavallo.

Cabriola ou **Capriola** que é mais usado.— Movimento que faz o cavallo quando no ar, e a uma igual altura da frente e da garupa, despede o couce com todo o vigor. E o mais elevado e o mais perfeito dos ARES-ALTOS, dizem alguns auctores, e de nenhuma utilidade em equitação, accrescenta Baucher.

Cachaceira. —Porção da cabeçada que fica pela parte superior da cabeça do cavallo.

Cachos. —Excrescencias irregulares que se desenvolvem em volta do pe do cavallo na superficie da pelle. Os animaes de temperamento lymphatico, que permanecem por muito tempo em alojamentos humidos, são mais atacados d'esta enfermidade durante o inverno, e raras vezes no estio.

Caimbas.—V. FREIO.

Calça.—Da-se este nome a uma malha branca de maior ou menor extensão, situada immediatamente acima do casco do cavallo. Se a malha se limita a um ponto da corôa diz-se: SIGNAL DE CALÇA. Esta alargando-se um pouco mais toma então o nome de: CALÇA INCOMPLETA. Um pouco mais do que isto diz-se: PRINCIPIO DE CALÇA, se circunda inteiramente o membro. Finalmente da-se-lhe o nome só de: CALÇA se alem d'isto sobe ate uma certa altura.

Quando se resenha e ha mais do que uma CALÇA, designa-se o numero e os membros em que existem. Duas ennunciam-se por bipedes anteriores, posteriores, lateraes direito ou esquerdo, ou diagonaes conforme a posição. Para tres, diz-se CALÇADO DOS TRES PÉS, sendo em tal membro anterior ou posterior. Quatro é o maximo e por isso não ha necessidade da expecificação.

Quando a CALÇA só contorna a corôa diz-se PEQUENA CALÇA. Se sobe ate á junta da quartella diz-se simplesmente CALÇA. Excedendo a junta da quartella diz-se CALÇADO A MEIA CANNA, OU ALTO CALÇÁDO OU CALÇADO ATE AO JOELHO OU CURVILHÃO, OU MUITO ALTO CALÇADO passando esta região.

As CALÇAS podem ainda ser regulares ou irregulares, bordadas, mosqueadas, interpoladas, etc. Dizem-se com arminhos quando apresentam pequenas porções de pellos d'uma côr similhante aos que se encontram disseminados sobre a pelle do arminho.

Calção.—Fallando-se do cavalleiro, diz-se vulgarmente que elle é BOM CALÇÃO, quando ao garbo e firmeza reune todas as mais condições indispensaveis para se ligar como que physicamente ao cavallo.

Calçar.—Referindo-se aos estribos, no acto de montar a cavallo, e introduzir o pé direito no estribo direito. Parece-nos bastante apropriado este verbo, apezar de só o havermos encontrado no seguinte trecho: «CALÇARÁ *então o estribo direito com o pé direito, sem que de modo algum se curve para aquelle lado, nem tão pouco se sirva da mão para tal conseguir; unica e simplesmente o pé o procurará e* CALÇARÁ *sem mais ajuda alguma.*» (Bibl. do Povo e das Escolas. Equitação, pag. 37). —CALÇAR as luvas antes de montar, é conveniente e cremos que recommendado pelos mestres da arte.—Antigamente «CALÇAR A ESPORA» era ceremonial cavalheiresco.

Canejo.—Diz-se do cavallo ou do seu pé, quando o casco trazeiro, no acto do appoio, volta a pinça para fóra.

Cangocha.—Susceptibilidade nervosa, causada pela afflição que faz a alguns cavallos o aperto das cilhas; é momentanea, desapparece logo que os movam depois de apertados: o animal sujeito a tal susceptibilidade deverá estar, mesmo á manjadoura, a maior parte do tempo apertado com cilha, ate perder tal balda de atirar comsigo ao chão, e entrar aos saltos, podendo-se estropiar a si e ao cavalleiro n'esta occasião; ás vezes as cocegas nos rins produzem egual effeito ao que o aperto causa a alguns cavallos, isto quando montados.

Canhões.—V. Freio.

Canna das ventas.—Assim denominam alguns a agulha nazal do cavallo.

Capão.—Cavallo privado dos testiculos. castrado ou capado, como vulgarmente se diz.

Caravanho.—Chama-se o pé do cavallo que no apoio inclina a pinça para dentro.

Cardão.—Variedade de côr ruça no pellame do cavallo; côr de cardo. —*Ruço cardão*, diz-se do cavallo com esta côr.

Casco, a que tambem se dá o nome de unha ou pé, é uma especie de caixa cornea de fórma conica que termina e serve de base aos membros do cavallo, correspondendo á terceira phalange.—casco da sella de montar, o conjunto de peças de madeira e ferro que compõem a sua armação.

Casquimulo.—Nome que toma o pé do cavallo quando a tapa ou muralha tem direcção perpendicular, e os talões grande altura. Esta fórma é natural nos burros, e no cavallo é mais desengraçada que prejudicial.

Castanha.—V. Espelho.

Cauda.—A parte movel e fluctuante, no extremo posterior do cavallo guarnecida de compridas crinas. A cauda tem por fim afugentar os insectos que poderiam atormentar o animal. Em quanto á sua fórma, a cauda diz-se *crinada*, *troncada*, *de vassoura*, *em leque*, *em castanha* e *cauda de rato*.

É crinada, quando o troço e crinas não soffreram corte. Se a extremidade das crinas e dois ou tres nós foram cortados, diz-se troncada. Se uma porção maior do troço se corta e ao mesmo nivel, diz-se cauda de vassoura. Em logar de cortar as crinas podem-se deixar, n'este caso chama-se de leque ou á ingleza, ficando levantada. Chama-se de rato, quando o troço é desprovido de crinas em parte. E em castanha, quando enrolada e atada. —A posição levantada da cauda e um indicio certo do vigor do animal. Diz-se então que a cauda está em trompa ou em pennacho. E' sobretudo durante a execução dos andamentos vivos, e

debaixo da influencia de uma certa excitação, que se vê a cauda levantar-se encurvando-se graciosamente.

Caudelaria. — Estabelecimento onde se educam os cavallos para propagar e melhorar a raça.

Distinguem-se tres especies de caudelarias: 1.º As *caudelarias selvagens* que são espaços immensos, povoados de cavallos, em que o homem só intervem para apprehender os animaes, como se pratica nos vastos desertos da Russia e da America Meridional. 2.º As *caudelarias domesticas ou particulares*, muito menos amplas mas onde cousa alguma é abandonada ao capricho dos animaes ou ao acaso. D'estas possue a Inglaterra as mais bellas do mundo. 3.º As caudelarias que os francezes denominam de *parques* por occuparem um parque. Encontram-se em grande numero na Hungria, na Hollanda, na Hespanha e na Italia.

Cavalgada. — Pequeno destacamento de cavallaria, com infanteria, que saia na edade media, a uma expedição, algara, ou golpe de mão. — Hoje troço de cavalleiros em marcha.

Cavalgar. — Antigamente subir ou montar, andar ou passeiar a cavallo.

Cavalhariça. — V. CAVALLARIÇA.

Cavallar. — O que pertence aos cavallos. Só se applica a cria ou propagação da raça.

Cavallariça. — Casa ou edificio destinado para alojamento dos cavallos, pondo-os ao abrigo das intemperies athmosphericas, e proporcionando-lhes descanço depois do trabalho. Alguns, e entre elles Marialva, escrevem CAVALHARIÇA.

Cavalleiro. — Homem montado a cavallo, ou o que sabe e costuma andar a cavallo. *Ser bom ou mau cavalleiro*, montar bem ou montar mal a cavallo.

O titulo de CAVALLEIRO, tanto na sua origem como já muito entrada a edade media em Portugal, não era dignidade, nem expressava outra jerarchia social, que a de ter armas e cavallo e por conseguinte fazenda ou renda para mantel-o. CAVALLEIRO era o cidadão da segunda das tres ordens da republica romana. Romulo dividiu o povo em

patricios (*patricii*), CAVALLEIROS (*equites*), e plebeus (*plebei*). Aquelle nome foi dado á segunda ordem, porque cada CAVALLEIRO tinha um cavallo com que o estado fazia as despezas.

Cavallo. Typo do genero *equus*, da familia dos equidios ou solipedes, ordem dos pachydermes. Differença-se dos outros mammiferos herbivoros pelos seguintes caracteres zoologicos:

1.º—Pé terminando em um só dedo e uma só unha, d'onde lhe provem as qualificações de *solipede* e de *monodactylo*.

2.º—Tres especies de dentes em numero de 40, a saber: 24 mollares, 12 incisivos e 4 prezas. Não existindo geralmente estes ultimos nas femeas.

3.º—Um espaço denominado barra, entre os incisivos e os mollares, que é no cavallo a séde das prezas.

4.º—Duas tetas inguinaes muito pouco desenvolvidas.

5.º Estomago simples e pequeno, e intestinos volumosos.

6.º Bordo superior do pescoço e cauda cobertos de longas crinas em toda a sua extensão.

7.º—Natural meigo, sociavel e vivo, no estado selvagem vivendo em bandos dirigidos por um macho.

8.º Voz determinada rincho, que se modula segundo as sensações (V. RINCHO).

Natural do Oriente, o cavallo não se sabe ao certo qual foi a sua verdadeira patria: a sua mesma escravidão é tão universal, e sobe a tempos tão remotos, que actualmente é bem difficil de o encontrar no estado da natureza.

De todos os animaes o cavallo é o unico, que dotado de uma figura elegante, tem mais symetria nas partes do seu corpo: parece estar acima do seu estado de quadrupede, elevando a cabeça; n'esta nobre posição, olha para o homem face a face. Seus talentos são desenvolvidos pela educação, e suas qualidades naturaes aperfeiçoadas pela arte; desde a primeira idade foi elle creado, instruido, e finalmente destinado para o serviço do homem, princi-

piando a sua educação pela perda de sua liberdade, acabando-a pelo temor.

E' pois a mais illustre conquista que o homem podia fazer sobre os animaes da terra, a d'este soberbo, forte, altivo, elegante e fogoso animal, que de physionomia animada e expressiva toma parte com elle nas fadigas da guerra e na gloria dos combates.

Vede o cavallo de esquadrão que parece esperar a voz do commando; com que promptidão e regularidade elle segue todos os movimentos da manobra! Anima-se ao som do clarim; junta seus rinchos ao ruido da multidão; branqueia o freio com a escuma, e obedece com sentimento á mão que contem seu ardor impaciente. Mas logo que esta mão, por um movimento quasi imperceptivel, dá o signal da partida, elle se arremessa, com a velocidade do raio, sobre as fileiras inimigas, abre-as, e as destroe pela impetuosidade do seu choque; parece embriagar-se de coragem e gloria, e partilha com seu dono as doçuras do triumpho.

Mas, se a sorte da guerra trahio seus esforços, vel-o-hemos voltar a passos lentos, cabeça baixa, as crinas pendentes; o som do clarim não lhe causa a menor emoção; volta tristemente para junto dos seus, ou vaguea sobre o campo da batalha, buscando entre os mortos aquelle de quem foi companheiro, e com o qual partilhou os perigos e trabalhos.

Se quizessemos traçar aqui o quadro de todas as qualidades moraes que distinguem tão eminentemente este quadrupede, prescindindo de uma multidão de anedoctas de que tantos livros se acham cheios, achariamos (os francezes) nos fastos da nossa gloria militar exemplos numerosos de guerreiros que deveram sua liberdade ou vidas á coragem, intelligencia, ou a força do seu corcel.

A docilidade, a saude, a força, a boa conformação no systema osseo e muscular, devem ser, pois, as principaes qualidades do cavallo de guerra.

Como os outros animaes, o cavallo tem, sensações, paixões e necessidades: as sensações são percebidas pelos

sentidos, e exprimidas por signaes exteriores. (V. os artigos—Vontade, Instincto, Intelligencia, Expressão, Sensibilidade, Contractibilidade e Memoria.)

Ceifar.—Defeito do andamento do cavallo quando descreve com os membros da frente um meio circulo pela banda de fóra. Este defeito accusa as vezes lezão na espadua.

Celhado.—Diz-se do cavallo quando tem as sobrecelhas brancas, o que é em geral um signal de velhice.

Cepilho ou Cepinho.—Parte mais elevada na frente do assento do sellim. Na sella, a peça de metal junto ao arção dianteiro.

Cernelha.—Denominada tambem agulha dorsal ou garrote, é a parte mais alta do tronco do cavallo entre a crineira e o dorso. Limitada adiante pelo pescoço, atras pelo dorso, e em baixo pelas espaduas, a cernelha offerece um grande interesse á equitação por causa da influencia que exerce sobre as attitudes do pescoço e da cabeça, no movimento das espaduas, e na execução dos andamentos.

A belleza da cernelha não é absoluta, varia conforme o genero de serviço, segundo o qual se quer velocidade ou inergia simplesmente.

Para o cavallo de sella destinado a andamentos rapidos exige-se uma cernelha *elevada, secca e bem contornada*. A elevação da cernelha é uma grande qualidade para a rapidez dos andamentos. Basta lembrar que esta disposição favorece as potencias que sustentam a cabeça e o pescoço, fazendo mover as espaduas, e dão finalmente mais graça, e flexibilidade á ante-mão, concorrendo para a extensão dos movimentos.

Alem da elevação a cernelha do cavallo de sella deve ainda ser *secca* e bem *moldada*. E secca quando bem desenhada, limpa e enxuta de empastamentos devidos á abundancia de tecido cellular, ou á sua infiltração. E' preciso tambem que não seja *cortante*, deve offerecer uma certa espessura no seu cume.

A cernelha é bem *moldada*, quando se observa na sua

base uma ligeira depressão que a separa do cume da espadua; e *empastada*, quando esta delimitação não existe, consequencia de infiltração do tecido cellular. A cernelha póde ser empastada e baixa, — *cavallo baixo de agulha* — que é sempre um grande defeito para o cavallo de sella, não só porque se fere com facilidade, como porque a sella escorregando para diante, actua mais ou menos sobre as espadoas, difficultando os seus movimentos, e porque esta conformação é propria aos individuos communs, sem vigor, e com andamentos acanhados.

Vallon, diz, que nos cavallos *altos de traz*, a CERNELHA ainda que seja bem saliente, não impede que a sella corra para diante. O mesmo inconveniente se dá quando os rins são elevados e largos, e que a CERNELHA é estreita.

Nas eguas a CERNELHA é mais baixa do que nos cavallos, o que faz parecer a ante-mão menos elevada e alindada.

Finalmente esta região apresenta grandes variantes segundo as raças e as diversas epocas da vida. Nas raças distinctas da Inglaterra e França, a CERNELHA não está formada senão dos dezoito mezes aos dois annos, e completamente feita aos seis annos. As raças orientaes são mais precoces.

Chambrie. Chicote leve, de punho comprido, empregado nos picadeiros, mais para o auxilio do ensino, do que para castigo dos cavallos.

Chanfro OU ABOBADA NASAL. Região anterior da cabeça do cavallo situada por baixo do frontal e entre as faces, estendendo-se inferiormente até aos nasaes e a ponta do nariz.

O CHANFRO para ser bom, deve ser *largo e direito*: largo, porque indica grande desenvolvimento dos pulmões; direito, porque esta direcção coincide com a boa conformação do frontal, o que se encontra nos cavallos melhores e de raças puras; disposição que se procura nos cavallos destinados a percorrer grandes distancias em pouco tempo. Nos potros esta região é empastada e volumosa.

Charel, Xarel, Xairel. — De qualquer d'estas fórmas se encontra escripta esta palavra. (V. MANTA.)

Cilhadouro.—Local no corpo do cavallo onde assenta a cilha.

Cilhas.—Faxas de tecido, ou correias de determinada largura, que passando por debaixo da barriga do cavallo servem para segurar o sellim, não permittindo que vacille sobre o animal, sem que comtudo o molestem pelo demasiado aperto. São estas faxas terminadas de um e outro lado por fivellas, as quaes se prendem nas pontas de couro que ha no sellim, por debaixo das abas.—As CILHAS denominam-se: *mestra* e *de precinta*. Na primeira nota se: o *corpo da cilha*, a *ponta*, os *passadores*, e a *fivella*. Na segunda nota-se: o *corpo da cilha*, que é de malha de cordel; os dois *passadores* de couro, as quatro *charneiras*, de couro, e as *fivellas*.

Cocheira. O mesmo que CAVALHARIÇA. Ordinariamente nas COCHEIRAS recolhem-se os trens juntamente com os cavallos que os tiram.

Codilho.—Saliencia existente na parte superior e posterior do antebraço do cavallo, limitada por cima pelo braço, inferiormente pelo antebraço, por detraz acha-se proximo das costellas e diante da passagem das cilhas.

Colleira.—Rolo de palha ou outra materia coberto de pelle, que faz parte do arreio do gado muar da artilheria.

Commissuras.—Os dois pontos de juncção dos beiços do cavallo.

Conductor.—O que dirige, conduz, acompanha o cavallo á mão. E' n'este sentido que o *Regulamento de cavallaria* emprega este termo.—Mais particular, o soldado de artilheria montada que guia as cavalgaduras atrelladas ás peças, ou aos carros de munições.

Contractibilidade.—«E a faculdade que o cavallo tem de contrair e relaxar as potencias musculares, para executar os movimentos voluntarios ou involuntarios, parciaes ou combinados.

«É por effeito d'esta faculdade que o cavallo move a cabeça, o pescoço, as pernas, mastiga, anda, dá couces, etc. (Reg. Cav).

Corcel.— Cavallo veloz e de grande corpo, de que se serviam os nossos antigos nos torneios e batalhas.

Corôa. Região nos membros do cavallo situada entre a quartella e o casco, e guarnecida por uma fileira de pellos. — CORÔA DO CASCO. Região immediata ao casco, tendo por base a segunda phalange.— CORÔA DO DENTE. A parte livre d'elle, que esta fóra do alveolo,

Coroado. —Diz-se do cavallo que tem soffrido escoriações, chagas mais ou menos profundas e arredondadas, carecterisadas pela falta de pellos, ou pela côr anormal d'estes. E' o que tambem se denomina JOELHEIRAS. (V. ESTE TERMO)

Corpo.—O terço ou parte media do cavallo, isto é, a parte que fica comprehendida entre o terço anterior e o posterior: ou as regiões que ficam fronteiras ao cavalleiro, na acção de montar. O mesmo que TRONCO V. ESTE TERMO). —O CORPO compõe-se do dorso, rins, flancos, costellas, ventre e orgãos sexuaes.

Corrida. -Acção de correr.—Distancia de um logar a outro percorrida pelo cavallo sem paragem. —Lucta de velocidade. — CAVALLO DE CORRIDA. CAVALLO CORREDOR. Cavallo veloz, educado para as corridas, que corre com grande velocidade, que no hippodromo disputa o premio.

Couce. —E' a acção inversa do EMPINO na qual o cavallo eleva o terço posterior sobre o anterior para em seguida estender com toda a força os membros posteriores. E' para o cavallo o meio de defesa mais poderoso de que se serve. A duração d'este é necessariamente muito mais curta, porque o centro de gravidade não pode nunca ser tão deslocado, que sua linha de gravitação venha cair sobre os bipedes anteriores, unica base de sustentação. (V. EMPINO).

O cavalleiro deve empregar o bridão para lhe levantar a cabeça, e evitar que elle a baixe, porque, sem este movimento parcial, não pode firmar-se nas mãos para despedir os couces. O cavalleiro deve tambem inclinar o seu corpo para a rectaguarda, e conservar as pernas unidas vigorosamente *antes*, *durante* e *depois* da defesa.

Coxia.—Espaço que cada cavallo occupa na cavalla-

riça preso á manjadoura. Para evitar que os cavallos se atropellem ou molestem uns aos outros deverão ser as COXIAS separadas por baias ou então melhor por tabiques de madeira. (V. BAIAS)

Craveiras. — (V. FERRADURA)

Crina.—Pello mais grosso e comprido que fórma o topete, crineira, cauda, etc. do cavallo.

Crin'alvo.—Diz-se na resenha quando as crinas do cavallo tem a côr branca e a pellagem é differente. Quando as crinas brancas existem em madeixas entre as crinas d'uma outra côr escura então resenha-se indicando a posição bem como o numero de madeixas.

Crineira.—Bordo superior do pescoço do cavallo, ornado de compridas crinas. Pode ser *simples* ou *dobrada*. No primeiro caso, pende para a direita ou para a esquerda; pendendo geralmente para este ultimo lado, offerece um ponto de apoio ao cavalleiro na acção de montar. Na Algeria os indigenas não dão direcção ás crinas, por isso que elles montam indifferentemente d'um ou do outro lado. Quando a CRINEIRA e abundante e se acha sobre as duas faces do pescoço, constitue a CRINEIRA DOBRADA, muito vulgar nos cavallos de tiro.

Curto.— Nos andamentos do cavallo, só se diz do PASSO e do GALOPE se as pistas marcadas no solo pelos pés, estão atras das pistas das mãos.

Curveta.- Salto elevado da ante-mão, mais espaçoso e vivo do que o TERRA A TERRA. N'ella os movimentos da garupa abatida acompanham os da frente com uma cadencia igual e viva.

Curvilhão.—(V. JARRETE.)

D

Dar a mão.—Locução ou phrase technica que designa a acção do cavalleiro afrouxar igualmente a tracção em ambas as rédeas. «Da-se a mão para alargar o movimento em frente, quando, os membros anteriores impellem demasiadamente para trás os posteriores» (Reg. Cav.)

Dar e tomar.— «Tomar o governo e dar a mão alternadamente. - Da-se e toma-se o governo, quando a boca do cavallo se mostra pouco sensivel a acção do bridão; por exemplo: quando elle entra em um andamento mais largo ou mais rapido do que queremos, e, tomando-se-lhe o governo para se encurtar ou retardar, não obedece; quando o cavallo persiste em sacudir a cabeça, baixal-a ou levantal-a, e não obedece á acção igual das duas redeas para a sustentar na posição normal. A acção de dar e tomar desperta a sensibilidade da bôca do cavallo.» (Reg. Cav.)

Decubito.— Attitude do cavallo deitado, seja sobre um dos lados com os membros estendidos ou flexionados, ou sobre as paredes inferiores do peito e do abdomen, cabeça e pescoço erguidos. Deitado de lado é a posição em que realmente o cavallo descança bem.

Defesas.— Resistencias que o cavallo ás vezes oppõe ao que d'elle se exige, por exemplo: dando couces, saltando, levantando-se, recuando, etc. «Quando o cavallo se defender, o cavalleiro deverá com o peso do corpo contrariar os seus movimentos, voltar sempre á posição mais normal possivel, bem sentado no sellim, e afrouxando o tronco do corpo da cintura para baixo» (Reg. Cav.)

Degoladura. — Depressão que, no cavallo, separa o bordo superior do pescoço da cernelha.

Desabrigar. — É separar o cavalleiro as pernas do ventre do animal, para allivial-o da pressão que com ellas exercia. (V. AFROUXAR.)

Desapparelhar. — Tirar o arreio ao cavallo. Como OPERAÇÃO inversa ao APPARELHAR, inversamente se pratica tambem, começando por desenfrear e acabando por tirar o sellim.

Desbocado. — O cavallo que se desboca.

Desbocar-se. — Diz-se do cavallo, que desobedecendo ao cavalleiro, toma carreira precipitada e perigosa.

Desbravar. — Amançar, domesticar o potro, acostumal-o gradualmente á montada e ao peso do cavalleiro.

Descançar. — Estando a cavallo, é permittir ao cavalleiro abandonar a posição primitiva de garbo e firmeza, por outra mais commoda, retomando aquella á voz de SENTIDO. «Executa-se o movimento de DESCANÇAR fazendo firmeza nos estribos, e inclinando o corpo para a frente, levantar-se-ha o cavalleiro um pouco do sellim, para se assentar immediatamente mais proximo da patilha ou arção, endireitando-se; e ao mesmo tempo afrouxará ambas as rédeas e ambos os braços, indo descançar os punhos sobre as bolsas, ou sobre o cepilho do sellim.» (Reg. Cav.)

Descavalgar. — Apear, baixar do cavallo, pôr pé em terra. Não é technico em EQUITAÇÃO, porem, como termo antigo, usado por nossos classicos. «DESCAVALGANDO, *os dois guerreiros tomaram nos braços a irmã de Pelagio....*» (A. Herculano, Eurico, pag. 236).

Desencapotar. — Obrigar o cavallo a que levante a cabeça quando a leva baixa. (V. ENCAPOTAR)

Desenfrear. — Tirar o freio ao cavallo, ás muares. Para DESENFREAR, começa-se por desapertar a barbella e a sisgola, e depois puxa-se a cachaceira para a frente fazendo passal-a por sobre as orelhas. — DESENFREAR-SE. Tomar o freio nos dentes, não dar pelo governo. (V. DESBOCAR-SE).

Desfecho.— Dá-se este nome á substituição dos dentes de leite no potro, pelos dentes de adulto.— Os DESFECHOS são tres: o 1.º tem logar dos dois annos e meio aos tres; o 2.º dos tres annos e meio aos quatro; e o 3.º aos cinco annos. É n'esta idade que o cavallo tem completada a substituição dos dentes de leite, diz-se então que JÁ NÃO DESFECHA. Nenhum cavallo deverá começar a trabalhar com freio antes do ultimo DESFECHO.

Desfilamento.— Acção de desfilar. É termo regulamentar na tactica da cavallaria, e portanto technico em EQUITAÇÃO.

Desmontado. Desmontar. — Diz-se do cavallo por montar, e, do soldado de cavallaria que não tem ou que perde o seu cavallo. Esse soldado ou qualquer outro cavalleiro, ao baixar-se do seu cavallo, não se diz que DESMONTA: PÕE PÉ EM TERRA, APEIA-SE.

DESMONTAR é tirar, em tempo de paz ou de guerra, os cavallos a uma tropa ou força de cavallaria.

Despapar. — Diz-se do cavallo, que forçando a mão, levanta a cabeça ficando com ella horisontal «O cavallo que se DESPAPA executa um movimento parcial de extensão de pescoço e cabeça; e obriga-se e desfazel-o, e a restituir o pescoço e a cabeça a posição normal, unindo o cavalleiro as pernas SEM ACÇÃO, porem amparando e empregando OPPOSIÇÕES continuas do freio, a que se chama DAR E TOMAR; e, logo que elle tenha cedido, exercendo pressão de ambas as pernas junto ás cilhas ou 15 centimetros ao maximo, atraz da linha das mesmas, para o obrigar a unir. Se o cavallo está só EMBRIDADO, é necessario baixar ambas as mãos, para fazer assentar o BOCADO sobre as BARRAS, e a maior parte das vezes SARRILHAR com força, porque a pressão simples do BOCADO não é sufficiente. N'esta posição anormal de pescoço e cabeça, que pode ser a consequencia de ma conformação, de defeito de ensino, ou uma defeza do cavallo, são actores os musculos extensores, e reguladores os flexores.» (Reg. Cav.)

Despear.— Rachar os pes, os cascos do cavallo. Não é termo technico em EQUITAÇÃO, diz-se ABRIR QUARTOS.

Usa-se porem em estylo elevado, como, por exemplo, n'este caso: «*A rapidez da corrida era quem o podia salvar: a dianteira dos almogaures hesitara vendo recuar tantos homens diante de um só; porem ao retroceder do cavalleiro, lançavam-se* DESPEADADAMENTE *após elle para o alcançarem antes de chegar ao bosque.*» (A. Herculano, Eurico, cap. XV, pag. 218).

Desunido.—Diz-se do GALOPE quando o cavallo o executa avançando com a mão esquerda seguida da perna direita, ou com a mão direita seguida da perna esquerda.

Deter-se.—«E' a repugnancia que o cavallo tem de andar para diante. Elle se detem, quando fica sobre as linhas rectas para trás: quando se lança mais sobre uma que sobre outra espadua: quando entra com a garupa demasiadamente para o centro, ou da mesma sorte foge com ella para fora sem obedecer ás diligencias, que o cavalleiro emprega por meio das sensações das suas mãos, pernas, e corpo, a fim de que ande para diante. Esta é a peior defesa que elle pode buscar, para se fortalecer em todos os seus maos costumes, ou vicios: e jámais se poderá obrigar um tal cavallo a que obedeça, em quanto elle persistir em ficar para trás.» (Arte de Marialva)

Dorso.—Parte superior do cavallo desde o garrote até aos rins; é o espaço que cobre a sella ou SELLADOURO. O DORSO deve em geral, ser largo, lizo, curvado desde o garrote até á garupa. Chama-se DORSO DE MULO — aquelle que é arqueado de cima para baixo; esta conformação annuncia força, e ao mesmo tempo reacções duras, (V. ENSELLADO).

Duro.—Adjectivo que se applica á BOCA e ao TROTE do cavallo. DURO DE BOCA é o cavallo pesado á mão, indocil ao bocado. DURO DE TROTE, quando este andamento encommoda o cavalleiro, fazendo-o saltar sobre a sella.

E

Em osso ou em pello. Diz-se do cavallo sem cobertura de especie alguma, e tambem da maneira do cavalleiro o montar MONTAR EM OSSO, MONTAR EM PELLO.—A posição do cavalleiro n'este caso, é difficil e defeituosa.

Emballar. —Defeito no andamento do cavallo, proveniente do movimento lateral do quarto posterior, o que denota fraqueza de lombos e pouca energia muscular.

Embocadura. Diz-se da maneira como se comporta a boca do cavallo em relação ao freio.—*Ter boa* EMBOCADURA, que tem a boca doce, sensivel.— EMBOCADURA *rija*, que tem a boca dura.

Embocar.—Enfrear, metter o freio na boca do cavallo. Não é technico.

Embridar. -Sujeitar, metter o bridão na boca do cavallo.—Só encontrámos este verbo no *Regulamento de Cavallaria*, ficando, por tanto, technico em EQUITAÇÃO MILITAR.

Emparelhar. -Juntar, reunir dois cavallos ou muares para serviço de TIRO.

Para bem EMPARELHAR é necessario que os animaes possuam a mesma corpolencia, o mesmo andamento, e a mesma energia, aliás uma grande parte dos seus esforços será perdida para a translação. Pouco importa que os animaes que compõem uma parelha tenham a mesma côr e signaes, é isto um capricho de gosto ou de luxo.

Empinado. Empino. —Acção do cavallo que se levanta sobre as pernas, mantendo-se algum tempo sobre ellas.—O EMPINO nem sempre é o resultado da ma in-

dole do animal, é até mesmo indispensavel que até certo ponto elle o possa executar com tal ou qual facilidade porque constitue os primeiros movimentos preparatorios para o salto.

As POUSADAS cujo ensino tem logar em picadeiros regularmente organisados e que tem por fim desenvolver o cavallo para os SALTOS e ARES-ALTOS tem com o EMPINO uma perfeita semelhança sem ser comtudo tão violentas. E' a POUSADA UM AR ALTO em que o cavallo eleva a ante-mão sem avançar, conservando os pés firmes no terreno, de sorte que não marca tempos com a garupa como em todos os outros ares. Utilisa-se esta lição, como se disse, para preparar os cavallos a saltar com liberdade e para se lhe ganhar com ella a ante-mão. A POUSADA DE CABRA é aquella em que o cavallo se eleva sem dobrar os membros anteriores.

Encabrestaduras.—Ferimentos na dobra da quartella das mãos, provenientes do roçar do cabresto, quando o cavallo tem por costume metter as mãos por cima das prisões que o sujeitam á manjadoura.

Encabritar-se. O mesmo que EMPINAR-SE o cavallo, levantando as mãos. (V. EMPINADO).

Encadear.—Sujeitar uns aos outros os cavallos em acampamento ou bivac, enlaçando as cabeçadas e segurando-as com cordas tensas com estacas enterradas no solo. Os antigos dragões, para combater a pé, tambem encadeavam seus cavallos, ficando um soldado em cada extremo da fileira.

Encapotar.—«Movimento parcial de flexão do pescoço do cavallo, que põe a cabeça quasi entre os braços (ou como vulgarmente se diz, entre as mãos), e que se contraria ou se desfaz pela opposição continua do bridão, elevação da mão de rédea, opposição do corpo para a rectaguarda, e ataque vigoroso das pernas 15 ou 30 centimetros, ao maximo, atrás da linha media das cilhas, segundo a sensibilidade do cavallo, logo que o pescoço e a cabeça teem voltado á posição normal.» (Reg. Cav.)

Enceravação ou Encravadura.—Fe-

rida feita pelos cravos quando, desviando-se das fibras corneas da muralha, viram para dentro a ponta e vão ferir o tecido carnoso, accidente que exige a prompta extracção do cravo: póde tambem ter por causa algum prego, pedaço de vidro, pau ou qualquer corpo duro que, entroduzindo se no casco, va ferir os tecidos, quando o cavallo assente o pé sobre o terreno.

Enlaçar.—Prender, agarrar, sujeitar os potros para as primeiras lições, ordinariamente por meio do laço. Este verbo e usado na *Arte* de Marialva.

Enfrear.—Metter, sujeitar o FREIO á boca do cavallo. No ENFREAR, a primeira circumstancia a attender, diz o general Brack, e a escolha do freio. A conformação da boca do cavallo indica o que melhor lhe convem (V. BOCA).

Ensellado. Cavallo cujo dorso apresenta uma curvatura muito profunda. Esta disposição que offerece mais de um inconveniente, torna o cavallo difficil de sellar.

Entrepasso.—V. Traquinado.

Equestre.—Este adjectivo latino, ainda que derivado de *equus*, cavallo, nem sempre e technico em EQUITAÇÃO MILITAR, como tão pouco o e o seu opposto PEDESTRE. Diz-se vulgarmente companhia, estatua, exercicios, instrucção, trabalhos equestres; fallando se, porem, militarmente, por exemplo, de exercicio, manobras, instrucção, etc, ha que dizer a cavallo, a pe. A cavallaria faz exercicio dos dois modos. Diz-se artilheria a cavallo, e não artilheria equestre.

Equitação.—Tratar o principal artigo d'este DICCIONARIO, como elle merecia ser, seria impossivel ás nossas debeis forças. Contentar nos-hemos, pois, em transcrever, com a devida venia, os periodos que sobre esta nobre arte se encontram no excellente *Relatorio apresentado ao ministerio dos negocios da guerra pela commissão encarregada de formular um projecto de bases para a reforma da instrucção da cavallaria;* periodos que a nosso ver, poderiam servir para desenvolver um regulamento, (se fosse preciso) para o serviço dos nossos picadores militares.

«A equitação racional, e portanto a mais conveniente equitação militar, funda-se: na anatomia do homem e do cavallo, que, dando o conhecimento exacto da estructura mechanica de ambos, permitte estabelecer os principios de ligação entre elles, necessarios para, dentro de certos limites, constituirem um só todo, em que a vontade intelligente do homem manda, e as faculdades motoras do cavallo obedecem;

«No conhecimento do systema de alavancas osseas, que constitue o esqueleto, e das potencias musculares, que produzem os movimentos parciaes e combinados do cavallo, das acções exteriores que as podem determinar, regular ou paralysar, segundo as leis dynamicas e estaticas;

«No estudo do equilibrio das potencias regidas por estas leis, no intuito de que a machina animada se não deteriore desnecessariamente, pelo excesso de acção de umas sobre outras, ou pela retracção de umas com prejuizo de outras;

«No reconhecimento e estudo das faculdades moraes do cavallo, e investigação dos meios de as dominar;

«No estudo da influencia que, pelos orgãos dos sentidos, o homem póde exercer sobre o moral do cavallo;

«Na apreciação justa das relações physiologicas dos orgãos com a vida, conservação, movimentos, indole e disposições moraes do cavallo.

«A equitação não constitue um ensino commum a todos os empregos que se dão ao cavallo. Os principios fundamentaes d'ella são todavia os mesmos, quasquer que sejam esses empregos, porque estão na propria natureza geral do cavallo, e nas suas relações genericas com o homem; porém como essa natureza póde variar pela differença de faculdades physicas e moraes, como podem diversificar as relações em que o homem se põe com o cavallo, e o destino que lhe pretende dar, a equitação modifica-se segundo essas circumstancias, e dá origem a diversas especies, das quaes as que mais interessam aos exercitos são as que dizem respeito ao cavallo de sella como cavallo de guerra geralmente denominada equitação militar, e ao cavallo de tiro.»

«A equitação militar é essencialmente utilitaria: exige do cavallo os maiores esforços com o menor dispendio relativo de força, e prepara-o para isso pelo desenvolvimento do seu vigor, e pela economia rasoavel no dispendio das suas potencias motoras e das funcções dos orgãos essenciaes á vida. A equitação civil admitte phantasias e caprichos de diversas ordens, que só devem admittir-se em relação aos cavallos dos officiaes, e em medida tal, que baste para assegurar no cavalleiro um fino conhecimento da arte equestre, sem todavia chegar a prejudicar as qualidades dos seus cavallos como suas primeiras armas de guerra.»

«A equitação do cavallo de tiro não interessa especialmente á cavallaria.»

«A equitação da cavallaria divide-se naturalmente em equitação do homem e do cavallo: a primeira tem por fim ensinar o homem a montar um cavallo domesticado e ensinado, ligar-se solidamente a elle, e governal-o segundo as necessidades ou conveniencias do serviço, por meio de acções, que constituem uma especie de linguagem entre a sua vontade e as faculdades do cavallo, e pela qual se faz d'elle obedecer: a segunda tem por fim tornar o cavallo domestico e familiar ao homem, e fazer a educação das suas faculdades physicas e moraes por modo tal, que se torne perfeitamente serviçal e obediente á vontade do cavalleiro sob a sensação das acções, que constituem a linguagem do seu governo.»

«No ensino do cavalleiro deve sempre a exposição e comprehensão theoricas preceder o exercicio pratico: a exposição esclarece o espirito do homem, e prepara-o para a comprehensão; as demonstrações que acompanham as theorias facilitam e completam prodigiosamente a comprehensão, porque a lição que se recebe pelos orgãos da vista e da audição vae gravar-se mais profundamente na intelligencia, do que sendo apenas transmittida por um só d'elles; e, finalmente, o homem, que comprehende a acção que d'elle se exige e os seus fundamentos, executa-a mais facilmente, e faz d'ella applicação racional ás circumstancias.»

«*a*) Estabelecido êste preceito como regra geral, a successão do ensino dos primeiros elementos da equitação deverá ser o seguinte:

«Divisão do corpo do cavallo em relação á equitação;

«Montar e apear com estribos, estando o cavallo embridado;

«Posição geral do cavalleiro, e especial de cada parte do seu corpo; rasões da fixidez de umas d'estas partes e da flexibilidade de outras;

«Distincção entre agentes da firmeza e agentes do governo;

«Emprego dos agentes da firmeza;

«Primeira idea dos agentes do governo;

«Idea geral do modo como se executam os movimentos parciaes e geraes do cavallo, e combinações das forças que os determinam;

«Primeira applicação dos conhecimentos precedentes á ligação do cavalleiro ao cavallo;

«Descançar;

«Sentido;

«Alongar, encurtar, cruzar e separar as redeas;

«Exercicios gymnasticos de flexibilidade, equilibrio e vigor;

«Com redeas de bridão separadas igualar e tomar o governo, dar a mão, dar e tomar, etc.;

«Idea geral das acções dos agentes do governo nas voltas, estando o cavallo embridado;

«Primeira idea geral das defezas do cavallo e das opposições do cavalleiro;

«Marchar ao passo e fazer alto;

«Voltas pela acção de um só agente, de dois, de tres incompletos e de tres completos, governando o cavallo so pelo bridão;

«Idea um pouco mais completa das opposições ás defezas do cavallo.

b) Conhecedores os recrutas da instrucção precedente, que os habilita a imprimir aos cavallos uma acção já um pouco regular, montarão, como nas lições precedentes, em cavallos mansos e socegados, e serão levados a pas-

sear, acompanhados do instructor e de um sufficiente numero de ajudantes do instructor, por logares onde nem os cavallos nem elles encontrem muita concorrencia ou objectos que lhes distraiam a attenção. Estes passeios, que a mansidão dos cavallos torna faceis e por isso agradaveis aos recrutas, inspiram-lhes confiança, fazem-lhes gradualmente perder a contracção muscular, que é provocada pelo medo de cair; e leva os pouco a pouco a adquirirem aquella flaxidez ou flexibilidade do corpo, que é tão necessaria a estabilidade do cavalleiro; até que começa a manifestar-se n'elles a vontade de excitarem os seus cavallos a moverem-se com mais vivacidade. Então deverão ser conduzidos a um terreno, onde em picadeiro aberto, e prescindindo-se de grandes rigores, se lhes façam executar as lições, de marche, alto e voltas, com mais alguma successão do que as praticaram no picadeiro fechado.

«Este exercicio augmentará ainda mais a confiança dos novos cavalleiros em si mesmos, pela facilidade que encontrarão no governo de cavallos mansos em movimentos, aliás simples, mas que para elles se afigurarão de uma certa difficuldade.»

c) Obtida esta confiança, voltarão os recrutas ao picadeiro fechado para aperfeiçoarem a instrucção elementar recebida, e completal-a. Com este intuito o ensino deve dirigir-se:

«A fazer que os cavalleiros reconheçam e comprehendam, que o cavallo tem faculdades intellectuaes; e que o bom governo não está simplesmente no emprego dos agentes, mas essencialmente na gradação das acções d'esses agentes;

«A explicar-lhes e exemplificar-lhes como, pela utilisação das faculdades e sentidos do cavallo se consegue união intima, moral e physica, entre o cavalleiro e o cavallo;

«A dar-lhes uma idéa mais desenvolvida dos movimentos parciaes e combinados das differentes partes do corpo do cavallo;

«A fazer-lhes conhecer os auxiliares dos agentes do governo e os seus effeitos;

«A proporcionar-lhes um maior desenvolvimento no conhecimento das acções dos agentes, e nos effeitos do bridão e do freio:

«A ministrar-lhes uma instrucção sufficientemente exacta da gradação das acções da mão de redea, não só por meio de illucidações theoricas, como de exercicios praticos com o bridão e freio de estudo, empregando só o bridão, só o freio, e o bridão e o freio.

d) Os exercicios e mestres anteriormente aprendidos devem ser intelligentemente intercalados em repetições com o ensino de todos estes conhecimentos relativos ao governo do cavallo, para que os homens tenham opportunidade de fazer d'elles applicação immediata, e convencerem-se da sua utilidade pratica.

e) A execução dos exercicios de movimentos e governo do cavallo já indicados, e dos subsequentes, tendo cada homem uma planqueta em cada mão, exercerá notavel influencia não só sobre o vigor muscular dos braços, mas tambem sobre a sua firmeza e equilibrio, e sobre a firmeza ou leveza da mão de redea do cavalleiro; porque, habituado elle a manter a firmeza e o equilibrio, que o peso das planquetas tende a fazer-lhe perder, e a regular a gradação da mão de redea, que o mesmo peso tende a deslocar-lhe, muito melhor o fará quando deixar de empregar esforços duplos.

f) Assim preparado o homem com os conhecimentos theorico-praticos indispensaveis á sua firmeza, ao governo do cavallo, aos movimentos simples a passo, e ás opposições com que precisa contrariar as resistencias e defezas do mesmo cavallo, póde elle entrar francamente nos exercicios mais complicados do passo, e nos do trote, galope, recuar e ladear, de quartos de volta, obliquar e meias voltas, tanto estando o cavallo parado, como em qualquer andamento.

g) Todos os exercicios de picadeiro devem ser executados por modo identico ou analogo aos movimentos tacticos.

«As vozes de commando no picadeiro devem ser as mes-

mas dos movimentos tacticos, com as excepções unicas das de *circular*, *ao largo*, *passar de mão*, em certos casos, e *ladear com a frente* ou *com a garupa ao muro*; as quaes não encontram na tactica equivalentes.

h) Os exercicios de repisa devem terminar pela deslocação das filas da retaguarda para a frente, e da frente para a retaguarda; exercicios, em que o cavalleiro começa a habilitar-se a governar o seu cavallo em movimentos independentes, e o cavallo se habitua a separar-se dos outros.

i) O galope e essencialmente o andamento de combate, e por isso convem dar mesmo aos simples cavalleiros umas noções do seu mechanismo, das acções dos agentes do governo que o determinam e regulam, e o conhecimento pratico do galope certo, falso e desunido.

«A este ensino da equitação elementar commum deve seguir-se o dos movimentos tacticos de esquadra no picadeiro e fóra d'elle.

j) Chegando a este grau da instrucção equestre, e com o desenvolvimento que os homens devem ter adquirido nos exercicios gymnasticos de voltige sobre apparelhos de madeira, e a occasião de passarem aos exercicios, de picadeiro e exteriores, em cavallos com manta e cilha e em pello; nos quaes se comprehenderão não só movimentos tacticos, como tambem a voltige sobre o cavallo vivo.

k) A instrucção da equitação militar elementar terminará pela transposição de obstaculos ou exercicios de salto.

l) As applicações de toda a instrucção precedentemente delineada não se limitam a execução das evoluções e movimentos tacticos nas ordens unida e aberta; essa instrucção, perderia uma boa parte das suas vantagens para o soldado, se não fosse o preparatorio para as carreiras ao trote, variados exercicios de hippódromo, e carreiras de velocidade sobre terrenos accidentados e semeados de obstaculos, tudo dentro dos limites rasoaveis de convenienciа para a cavallaria.

«Os cavallos, que a cavallaria tiver de ensinar para o seu serviço, poderão apresentar-se nas seguintes condições:

recolhidos directamente do campo, sem terem sido montados e sem habitos alguns de domesticidade; sem ensino, porém montados no campo, e com alguns habitos de domesticidade; com algum ensino, porem insufficiente para o serviço militar; considerados indomitos durante o ensino, ou por vicios adquiridos ou manifestados depois de promptos.

«Os primeiros devem ser considerados como typos para o estabelecimento do systema geral de ensino: os outros são especies que constituirão variantes do systema geral.

«Tratemos pois do cavallo sem ensino e não domesticado.

a) Para que um cavallo n'estas condições possa tornar-se verdadeiramente serviçal precisâmos distinguir a sua educação do seu ensino propriamente dito. A educação deve preceder o ensino e acompanhal-o.

«É ella que familiarisa o cavallo com o homem, que o torna obediente a sua voz e as suas primeiras exigencias, que desperta n'elle os primeiros sentimentos de reconhecimento pelos cuidados e afagos do homem, e os primeiros receios do castigo; e ella, finalmente, que lhe fórma em grande parte o caracter moral.

«A educação dos cavallos depende essencialmente da escolha dos tratadores. E necesaario que sejam desembaraçados, dotados de muita paciencia habitual, e de energia nos casos precisos: conhecedores do cavallo, por meio não só da pratica ordinaria, como de uma instrucção especial para este serviço; e intelligentes, para comprehenderem e applicarem adequadamente as indicações, que lhes forem feitas pelo superior respectivo, ácerca de cada animal.

b) Se o cavallo não estiver ainda em idade de ser recolhido, ou se o seu desenvolvimento estiver atrazado em relação á idade, convirá completar a sua creação por um regimen meio em liberdade meio recolhido. Se porem, pela falta de pastagem ou outras rasões, não for possivel executar inteiramente este regimen, e por isso houver necessidade de conservar os potros recolhidos, será indispensavel procurar os meios de obter um recinto ao ar livre,

onde por turnos, ou mesmo individualmente, se possam pôr em liberdade, sem perigo, durante uma ou mais horas em cada dia, ou pelo menos de dias a dias.

c) Estando um potro no caso de ser recolhido, a primeira operação consistirá em pôr-lhe uma cabeçada de manjadoura, operação que deve ser feita por meios brandos para levar o cavallo a aceitar a sem resistencias; e por isso, se ellas se manifestarem, será preciso começar pela applicação de uma colleira para o prender á manjadoura, e leval-o gradualmente a aceitar a cabeçada.

d) Em todas as circumstancias o tratador deverá approximar-se do cavallo francamente, sem lhe mostrar receios que elle conheceria immediatamente, mas tambem sem aspereza nem precipitação que o intimidem: ter o cuidado de o afagar, todas as vezes que elle o aceitar com confiança; ameaçal-o com a voz ou com o gesto, quando manifestar alguma má intenção; e castigal-o proporcionalmente, quando queira morder, dar couces, pisal-o, ou praticar qualquer acção offensiva; porque o cavallo é ao mesmo tempo intelligente e timido. Em regra geral a obediencia e submissão deve ser seguida de uma recompensa, e a desobediencia ou resistencia do castigo: todavia é preciso saber distinguir estas da ignorancia, que não deixa conhecer ao animal o que d'elle se pretende. No emprego judicioso da prudencia e da severidade está o segredo do bom tratador.

e) Logo que os cavallos estiverem definitivamente presos á manjadoura será preciso passeal-os, ou em recinto limitado conduzidos á mão pelos tratadores, ou então, indo estes montados em outros que sejam mansos e fieis, atrelados. Estes e outros passeios, de que adiante fallaremos, serão mais vantajosos em grandes linhas, em que o movimento dos transeuntes e os objectos que possam encontrar-se não lhe causem sustos.

f) Antes de começar a primeira limpeza é necessario verificar se o cavallo tem uma susceptibilidade nervosa exagerada, em todo ou em parte do corpo; e, n'este caso, é preciso preparal-o a receber uma limpeza completa, sem

luta com o tratador. Com violencias não se vence aquella susceptibilidade, e torna-se o animal desconfiado e irritavel.

g) Logo que o cavallo consentir, estando á manjadoura, que o tratador lhe corra a mão pelos braços e pernas, é preciso que este o vá gradualmente habituando a deixar levantar a mão e o pé, a conservar-se assim durante algum tempo, e a sentir as pancadas de um corpo duro sobre a tapa e palma do casco; preparando-o d'este modo para as operações da ferragem. Ainda n'este caso as violencias são prejudicialissimas. O uso do tronco, do aziar, e de deitar o cavallo ao chão para ser ferrado, são brutalidades ha muito condemnadas, e que, se não chegam a arruinar os cavallos, tornam-os resaibados e improprios para o serviço da cavallaria. O unico methodo de submetter o cavallo ás operações da ferragem, aceitavel para o exercito, é o de Balassa, pelo qual se ferram os cavallos soltos, e em qualquer logar. A pressa que alguns têem em ferrar os potros, quer elles se prestem ou não facilmente a esta operação, é um erro que atraza em vez de adiantar a sua educação. Mais vale gastar algum tempo em os reduzir brandamente á obediencia, e alguns kilos de palha em lhes conservar camas permanentes, emquanto desferrados, para que não estraguem os cascos raspando ou batendo nas calçadas das cavallariças.

h) Será á manjadoura que se habituará o cavallo a receber o bridão, e, logo que elle o aceite sem estranheza, deverá leval-o, com as redeas frouxas, quando fôr passear atrelado.

i) Nenhum governo se pretenderá dar ao cavallo com o bridão antes de ter recebido o correspondente ensino.

j) Será tambem á manjadoura que elle se habituará a aceitar a cilha, o cobertor, o rabicho, o peitoral, e a ouvir e entender a voz do homem nas diversas inflexões com que precisa fallar-lhe.

k) A alimentação deve ser regulada em attenção á creação, que o cavallo teve até então, á localidade de que é oriundo, ao estado de desenvolvimento em que se acha,

e ao seu temperamento. De um regimen alimentar, intelligentemente dirigido n'este complemento da sua creação, depende essencialmente, na maior parte dos casos, o tornal-o physicamente apto ou incapaz para o serviço de guerra.

l) O ensino do cavallo não precisa esperar pelo seu completo desenvolvimento physico: póde e deve acompanhal-o, porque o exercicio facilita-o. O que é necessario é que seja proporcional ás suas forças, e nunca superior.

m) Os primeiros ensinos serão sempre feitos só com bridão, e o primeiro trabalho de picadeiro será o de trote á guia, começando por estar o cavallo em pello, depois com cilha de voltige, e só depois sellado. Este exercicio do andamento mais natural do cavallo constitue uma verdadeira gymnastica dos seus membros locomotores e dos seus pulmões. Graduado e bem dirigido, imprime ao animal o desembaraço e elegancia dos movimentos livres, e leva-o insensivelmente a procurar posições de equilibrio, que dispensam depois o emprego de uma parte dos meios, a que a equitação tem de recorrer para obter esse equilibrio. É ainda este exercicio que revela ao instructor as disposições de cada animal para a flexibilidade e equilibrio, resultantes da propria organisação ou de habitos contrahidos, e lhe dá a primeira idea dos meios que precisará empregar para completar o seu ensino; por isso que essas disposições, segundo são boas ou más, teem de ser dirigidas, desenvolvidas, modificadas ou combatidas pela arte. É todavia preciso saber onde acaba a utilidade do trabalho á guia, mesmo estando esta em mãos intelligentes, porque n'esse ponto começa o perigo da ruina do cavallo.

n) As primeiras lições tendentes a submetter o cavallo á acção do governo consistirão, nas lições da vara, para o habituar a não se subtrahir á acção das mãos do cavalleiro, e para lhe mobilisar a garupa; e nas lições, de mobilisação da maxilla, e de flexões lateraes do pescoço feitas com o bridão,

Os exercicios de mobilisação e de flexibilidade não se

praticam em grau igual com todos os cavallos, nem todos elles são applicaveis a quasquer cavallos. Alguns d'esses exercicios precisam até ser às vezes substituidos por outros de effeitos oppostos. Tudo depende da applicação intelligente d'estes meios de ensino a cavallos de conformações, disposições, e indoles diversas, no intuito de collocar cada um nas condições mais proprias do typo do cavallo de guerra. A falta de intelligencia na applicação d'estes exercicios tem tornado maus muitos cavallos, que podiam ser bons. O que d'elles dizemos n'este primeiro periodo do ensino fica subentendido em todos os periodos subsequentes.

o) A esta primeira subordinação do cavallo ao governo do homem, actuando-lhe sobre a bôca e sobre as ilhargas, segue-se o montal-o,

Para montar um potro no ensino, ainda sob a direcção do instructor ou picador, não basta escolher um homem que seja bom cavalleiro; é necessario que seja intelligente, bem conformado, dotado de bom genio, e instruido para este serviço especial.

p) O trabalho em circulo ao passo e trote fará o primeiro exercicio de movimento do cavallo montado.

q) As lições de montar e apear, e precedendo e terminando as lições de passo e trote em circulo, devem seguir-se as flexões de abaixamento e de elevação da cabeça, e o recolher, por modo relativo à conformação do cavallo, e ao estado de maior ou menor engorgitamento, em que é provavel estarem as barras na idade em que de ordinario começa o ensino. Estas lições serão dadas estando o instructor a pé, o cavallo desmontado e parado.

r) Estando o cavallo montado e parado, seguir-se-hão as flexões lateraes do pescoço, do abaixamento e elevação da cabeça, e o recolher; a mobilisação da maxilla e dos quartos trazeiros, e os ataques de espora.

Depois do cavallo receber as primeiras lições do galope ainda em circulo, ser-lhe-ha tirada a guia, para começar o trabalho nas pistas nos tres andamentos, e as lições das voltas pela acção dos agentes do governo.

s) Executando o cavallo francamente, ainda que sem perfeição, o tralho das pistas, passará a ser exercitado nos andamentos de passo e trote nas grandes linhas; exercicio este que contribue poderosamente para o seu desenvolvimento, e para o preparar gradualmente a receber sem susto as sensações a que depois tem de ser submettido. Este exercicio acompanhará todo o ensino, até que o cavallo esteja prompto para trabalho exterior.

t) Nenhum cavallo deverá começar a trabalhar com freio antes do ultimo desfecho, por causa dos muitos inconvenientes que podem resultar, tanto na occasião como mais tarde, da acção do bocado sobre as barras engorgitadas pela dentição.

u) As bôcas dos cavallos não são todas iguaes, e portanto e evidente que não póde haver um freio commum.

«Os freios devem ser-lhes accomodados, embora a fórma geral de todos seja a mesma. Nas bôcas dos cavallos são variaveis, em relação ao enfreamento: as larguras e alturas das maxillas posteriores; as formas dos bordos anteriores d'estas, que constituem as barras acima dos colmilhos; os tecidos musculares e a membrana mucosa que os revestem, e o seu grau de sensibilidade; a largura e espessura da lingua, e a largura e profundidade do canal em que ella se aloja.»

«É n'estas variedades, que se fundam principalmente as differenças dos freios convenientes ao bom governo dos cavallos; porém influem tambem muito na preferencia que deve dar-se a umas sobre outras dimensões das suas partes: o comprimento, fórma e musculatura do pescoço; a sua inserção no craneo, o maior ou menor afastamento das ganachas, o garrote, os rins e os aprumos.»

«A impossibilidade de determinar á primeira vista, em presença de tantas circumstancias, algumas oppostas, qual o freio que convirá a um dado cavallo, e manifesta; e a rasão indica consequentemente a necessidade de procurar meios praticos de o achar, sem longas e multiplicadas tentativas. Esta especie de problema foi mui satisfactoriamente resolvido pela combinação de duas invenções de Weyrot-

ter e Nadosy. Weyrotter achou que entre as dimensões das diversas partes do freio, conveniente ao cavallo com uma estructura geral e conformação de cabeça e pescoço proximamente normaes, e as dimensões de largura e altura da maxilla posterior no sitio da barbada, existiam umas certas relações geometricas; e, fundando-se n'ellas, inventou a sua craveira, verdadeiro instrumento, com o qual se medem aquellas largura e altura: e por estas se calcula: a largura do freio ou comprimento do bocado, o comprimento da barbella, o comprimento do ramo superior da camba desde o fulcro ate a linha divisoria, o comprimento dos ganchos da barbella, a largura approximada da montada ou liberdade da lingua, e o comprimento do ramo inferior da camba de um freio normal para o cavallo, em que aquellas medidas foram tomadas. O exame da lingua e do respectivo canal completa as indicações precisas para a escolha da montada que deve ter o bocado.»

«Nadosy inventou um freio-estalão, que mais póde tambem chamar-se instrumento, e que é susceptivel de tomar todas as dimensões, desde as que podem convir ao mais pequeno cavallo até ás que podem ser adequadas ao maior. Com as duas dimensões achadas pela craveira Weyrotter arma-se o freio-estalão de Nadosy nas proporções relativas, e temos o freio normal indicado pelas condições principaes da bôca a que tem de ser applicado. Enfreia-se com elle o cavallo, e começa-se methodicamente o trabalho. A observação e estudo dos effeitos produzidos por este freio dizem se elle satisfaz, ou se precisa ser modificado; e, n'este caso, o cavalleiro ou o instructor modifica racionalmente as diversas partes do freio, ate que este satisfaça cabalmente. Pelas dimensões que elle mostra se procura então o freio de que o cavallo deve fazer uso.»

«Este systema, tão engenhoso e bem combinado, deve servir não só para o enfreamento dos potros, como tambem dos cavallos promptos, quando, pelo não terem, se procura um freio para seu uso, ou quando deixam, por qualquer circumstancia, de trabalhar bem com os que lhe estão distribuidos. Em vista d'estas considerações, é claro

que os freios dos cavallos da nossa cavallaria, que são de umas proporções incriveis, precisam uma reforma radical. O mau governo, que em geral têem os nossos cavallos, é o resultado de diversas causas, mas indubitavelmente a principal encontra-se nos freios.»

v) «Enfreado o cavallo, continuará o trabalho em movimento, fazendo-se ainda apenas uso do bridão, até que não mostre estranheza em sentir na bôca o bocado do freio. Então, no principio e fim de cada lição, estando elle parado e o instructor a pé, serão progressivamente executadas as mobilisações e as flexões pelas acções simples e combinadas das rédeas do bridão e do freio, e os primeiros exercicios de recuar.»

«É n'este periodo da instrucção, que o regulamento deve ser mais claro e rigoroso em estabelecer a gradação, a propriedade e os limites das mobilisações e flexões, para que a sua pratica se não torne exagerada e por tal contraproducente, ou não vá alem das necessidades do ensino do cavallo de guerra. Esta recommendação é igualmente applicavel ás mobilisações e flexões que se devem seguir, estando o cavallo montado, parado ou em movimento. Tão util é o emprego rasoavel, systematico e moderado d'estes exercicios, quanto prejudicial a sua exageração.»

«Logo que o cavallo tem acceitado o freio, é preciso, nas lições de andamentos ir gradualmente substituindo o bridão pelo freio, até que o governo se torne completo pelas acções combinadas de ambos, visto ser o bridão um elevador e o freio um abaixador.»

x) Feitas assim a bôca e as ilhargas do cavallo, começará a regularisação e aperfeiçoamento dos tres andamentos, paradas, saídas, voltas, recuo e as primeiras praticas do trote largo; comprehendendo nas voltas o trabalho em circulo e as passagens dos cantos.

y) Os exercicios precedentes devem ter equilibrado o cavallo, e feito adquirir-lhe sufficiente flexibilidade e obediencia ás acções graduadas dos agentes do governo, e portanto poderá elle entrar no trabalho de meio ladear, e depois no de ladear.

z) O galope é o andamento de combate, e por isso o cavallo precisa ser n'elle exercitado com um grande esmero: da sua promptidão e certeza nas saídas, da regularidade da cadencia, da facilidade de o alongar ou encurtar, e da segurança e instantaneidade nas passagens de mão depende o seu bom ou mau serviço no combate. Cavallos difficeis de sair, que falseiam o galope, que lhe não conservam a cadencia, que o não encurtam ou alongam á vontade do cavalleiro, e que não passam de mão a tempo, não são cavallos de guerra, e podem constituir mesmo um perigo.»

«Antes de aperfeiçoar o galope é preciso voltar aos ataques de espora, para assegurar os effeitos das acções das pernas, que, combinadas com as acções das mãos e o peso do cavalleiro, servem para preparar e determinar o galope para uma ou outra mão. Assegurados aquelles effeitos, o instructor completará a instrucção do galope e das passagens de mão, até que o cavallo as execute no ar, isto é, sem mudar de andamento.»

«Durante todo o ensino precedente deverão os cavallos familiarisar-se gradualmente com os sons dos instrumentos musicos e bellicos, tenir e ruido das armas e detonações de fogo.»

aa) Terminada, por assim dizer, a instrucção de picaria, e já arruados como devem estar os potros, entrarão nos exercicios tacticos de pelotão e isolados em terrenos abertos, estando os cavalleiros primeiramente desarmados, depois armados, e, por ultimo, elles e os cavallos equipados.

bb) Finalmente, a instrucção dos saltos completa a instrucção do cavallo de guerra.

cc) Os cavallos da segunda e da terceira especies indicadas, que se podem apresentar na cavallaria, trarão já, é verdade, uns certos habitos de domesticidade ou um certo ensino; porém, a regra será submettel-os á mesma progressão do methodo, durante o qual aquelles habitos e ensino facilitarão as partes relativas da educação ou da nstrucção.

dd) A quarta especie é a dos cavallos rebeldes ou indomitos. O systema, unico pelo qual se póde vantajosamente conseguir que os cavallos n'estas condições se tornem serviçaes, é desistir temporariamente de todo o ensino, fazer-lhes durante esse tempo uma especie de segunda educação, em que por meios brandos se procure obter que elles esqueçam os maus tratos que soffreram pelas suas resistencias e defezas, e que adquiram confiança no homem; e depois recomeçar a sua educação ordinaria e ensino, como se fossem potros recolhidos da manada, e empregando todas as cautelas para prevenir a repetição das mesmas resistencias ou defezas, e para as contrariar a tempo. Este systema funda-se no facto reconhecido, de que a maior parte dos cavallos se tornam rebeldes ou indomitos por effeito de ma direcção dada aos seus instinctos durante a creação, ou por falta de intelligencia equestre dos cavalleiros que os ensinam ou que os montam. As violencias e as crueldades, como são o trabalho exagerado debaixo de guia, a privação de alimentação, abandono do tratamento, etc., applicadas aos cavallos como meios de os amansar, não só são improficuas, como produzem a irritação do caracter do animal.

«A rebeldia do cavallo póde tambem proceder de defeito intellectual ou organico. No primeiro caso é sem remedio, no segundo póde tel-o ou não. É preciso, pois, que o instructor saiba estudar o cavallo considerado indomavel, apreciál-o devidamente, e proceder a seu respeito com muito discernimento. São infinitos, nas escolas de cavallaria bem organisadas, os exemplos dos cavallos reputados indomaveis, que por meio de uma segunda educação e ensino adequado se teem tornado não só admiraveis como cavallos de guerra, porem ate como cavallos de alta escola.»

Eslabão.—Tumor molle que algumas vezes se mostra na dobra do joelho do cavallo, e affecta a parte correspondente das extremidades anteriores.

Espantadiço.—Nome que vulgarmente se dá ao cavallo que se espanta facilmente. «O cavallo ESPANTADIÇO

é tanto mais perigoso, porque se encabrita, e salta para a ilharga no momento em que menos se espera. Não deve tratar-se mal esta especie de cavallos, mas sim acarical-os, afagal os com a mão, aproximando-os com brandura ao objecto que os intimida: os cavallos que teem soffrido maus tratamentos são pela maior parte ESPANTADIÇOS.» (*Manual de Veterinaria*).

Esparavão.—Tumor duro que nasce na parte interior da junta da perna do cavallo, produzindo irregularidade no movimento dos membros posteriores, mais notavel no andamento a passo, caracterisada por uma flexão convulsiva a cada dobramento do membro. A causa d este defeito não e bem conhecida, o que junto a incerteza da cura, diminue muito o valor do cavallo.

Espelho.—Chamam alguns à excrescencia cornea que se nota nas faces internas do ante-braço e da canella do cavallo. Outros dão-lhe o nome de CASTANHA.

Esporada.—Golpe de espora—Quando se applicam as duas esporas ao mesmo tempo a barriga do cavallo, chama-se AFAGAR O CAVALLO. Em geral o ATAQUE não se deve effectuar senão depois de se ter empregado inutilmente toda a força das pernas.

Esporão.—Chamam alguns a uma excrescencia cornea que se encontra entre os pellos que constituem o machinho, e que é muito desenvolvida no cavallo vulgar, e rudimentar no de raça nobre.

Esporas.—Aros de ferro, ou de qualquer outro metal, que se adaptam e cingem aos tacões das botas, e que por meio de um pequeno eixo, sustentam uma roseta de ferro com varios bicos, com que o cavalleiro pica a barriga do cavallo. Antigamente a espora, em logar de roseta, terminava posteriormente em ponta aguda. «A ESPORA, destinada como ajuda, a despertar a sensibilidade do cavallo, deve ser empregada com pouca força mas repetidas vezes. Como castigo, deve, pelo contrario, ser usada com muita parcimonia; e cumpre haver todo o cuidado em applical-a a tempo opportuno; fazendo-a sentir bem, sem comtudo rasgar a barriga do cavallo.»

«A ESPORA deve em todo o caso ser sempre empregada de combinação com as mãos e pernas do cavalleiro, para que produza o desejado effeito.» (Reg. Cav.)

Esporear.—Não é termo technico em EQUITAÇÃO no seu sentido recto de picar com a espora. Metaphoricamente avivar, incitar. (V. ESPORADA.)

Esporim.—Pequena espora sem roseta, e ordinariamente sem arco, que se encaixa no tacão das botas para servir de guarda-lama ou obstar que o extremo da calça seja esgarçado pelos tacões.

Espotreador.—Denominação que a *Arte* de Marialva emprega para designar o individuo que ensina e domestica os potros. O PICADOR, talvez, emquanto exerce esta parte da sua arte.

Esquerdo.—Diz-se do cavallo, quando no acto do appoio, o pé anterior volta a pinça para fóra.

Está na mão.—Usa-se d'esta phrase technica quando se quer exprimir que o cavallo, estando recolhido (V. RECOLHER), o seu pescoço e maxilla não offerecem resistencia alguma á acção rasoavel da mão e das pernas do cavalleiro.

Estação.—Estado durante o qual o cavallo descança sobre os quatro membros ou sobre tres, alternando a flexão d'um dos quatro. Segundo Merche, é a immobilidade activa do corpo. A ESTAÇÃO póde ser livre ou forçada, esta ultima imposta pelo cavalleiro.

Estacar.—Manha do cavallo quando pára e não quer andar para a frente, parecendo pegado ao solo, com o olhar fixo, o corpo contrahido, e as mãos espécadas. «N'este estado não obedece ao freio, nem á espora. Necessita então o cavalleiro de muita paciencia e firmeza: este vicio é frequente nos cavallos, a que se tem passado por muitas loucuras, ou que têem sido castigados sem motivo algum.» (*Manual de Veterinaria*).

Estafermo.—Nos jogos e exercicios equestres da idade media, para exercitar-se no manejo da lança, chamava-se ESTAFERMO á figura de um homem, movel em torno de um eixo vertical, com um açoute na mão direita e es-

cudo na esquerda, na qual figura devia o cavalleiro, nas corridas, tocar com a lança, sem ser alcançado pelo chicote ao torneal-a.

Estafim.—Azurrague, açoute dobradiço de castigar os cavallos.

Estrella.—Signal branco que alguns cavallos tem no meio da testa acima dos olhos. Segundo a opinião dos melhores auctores, e creadores de cavallos, este signal é bom, diz Marialva.

Estrelleiro.—Cavallo que levanta muito a cabeça, como se quizesse olhar para as estrellas.

Estribos.—Peças de ferro ou de outro metal, destinadas a servir de appoio aos pés do cavalleiro, e que podem ter variadissimos feitios, mas que geralmente são em annel arredondado para a parte superior, e direito e mais largo na parte inferior que tem o nome de SOLEIRA.—PÉ DE ESTRIBO, diz-se do pé esquerdo, porque é o primeiro que se colloca no estribo ao montar. Fallando do cavallo, o pé do estribo, e o pé esquerdo de diante.

Expressão.—«É a faculdade involuntaria que tem o cavallo de mostrar pelas suas attitudes e movimentos as sensações que o agitam, ou as intenções que o dominam. Se está alegre, levanta o pescoço e a cabeça, dilata os olhos com expressão de contentamento, dilata as ventas ao mesmo tempo que quasi suspende a respiração, arqueia a cauda e rincha; se tem medo, retrae o pescoço, volta os pavilhões das orelhas e a vista para o lado d'onde suppõe vir a causa do medo, encolhe-se, e mette a cauda entre as pernas; se tem uma dôr no ventre, baixa a cabeça, conserva os olhos pouco abertos, raspa no chão com as mãos, e olha amiudadas vezes para os lados onde sente a dôr; se está é em algum dos membros, tem-o quasi sempre levantado do chão, e olha de vez em quando para elle; se tem intenção de morder, espanta os olhos com expressão de colera, deita as orelhas para traz, e contrae os beiços antes de abrir a bôca para dar a dentada, etc.

«O cavallo tem duas especies de EXPRESSÃO: uma que se vê pelos orgãos dos sentidos, outra que se vê pelo atrazo

no movimento da massa, e da qual são agentes os orgãos da força.

«Se o animal tem medo ou está fatigado, retrae as suas forças: se quer desembaraçar-se do cavalleiro, recúa, salta para o lado, dá couces, levanta-se, etc. Mas, em todo o caso, a reacção da massa ou de um membro qualquer é sempre precedida da expressão pelos orgãos dos sentidos; e por isso chamaremos a esta EXPRESSÃO *moral*, e á outra, que é o seu resultado, EXPRESSÃO *physica*.»

«Como o cavallo exprime sempre, por um ou outro modo, ou por ambos, o que pretende fazer, póde n'elle observar-se, pelo trabalho dos orgãos dos sentidos, quaes sejam as suas intenções, e, pelo trabalho dos orgãos da força, a deslocação da massa ou a paralisação do movimento.

«Para que o cavalleiro possa perceber estas EXPRESSÕES, é portanto necessario:

1.° Que olhe para a cabeça do cavallo, para vêr a sua deslocação ou o trabalho dos orgãos dos sentidos, que n'ella se acham;

2.° Que sinta pela mão, pelas pernas e pelo assento as impressões, vivas ou lentas, do movimento do cavallo.» (Reg. Cav.)

Extremidades. —Com duas accepções quasi identicas, encontramos este termo nos livros que consultámos: em uns, exprimindo a totalidade dos membros do cavallo; em outros, sómente a parte inferior d'elles que assenta no sólo, ou os cascos ou patas (V. MEMBROS).

F

Faca.—Epitheto que vulgarmente se dá ao cavallo pequeno, magro, e que não chega a marca regulamentar.

Façalvo.—Cavallo com um ou ambos os lados da cabeça brancos. Alguns designam esta particularidade por *bella face*.—FALSALVO chama Marialva ao que tem a meia queixada branca, e diz que é feio signal, segundo a opinião dos melhores auctores e tratadores de cavallos.

Faceiras.—As duas correias da cabeçada que descem ao longo das faces do cavallo e que se ligam ao freio ou ao bridão, conforme a cabeçada é de um ou outro d'estes apparelhos. Segundo o lado que occupam, assim se diz, faceira direita ou faceira esquerda.

Faces.—Regiões lateraes da cabeça do cavallo que liga entre si as partes que as rodeiam: olhos, chanfro, barba, ganachas, fontes, nazaes, e as commissuras dos beiços.

Falcada.—Parada que o cavallo faz, abaixando, rebatendo, e recolhendo as pernas para baixo do corpo, ao passo, ao trote ou ao galope.

Falso.—Diz-se do andamento d'um cavallo quando as diversas acções que o compõem não se succedem regularmente ou segundo o rythmo normal. Fallando-se, por exemplo, do GALOPE, diz-se que um cavallo GALOPA FALSO, quando, indo sobre a direita, avança com a mão e a perna esquerda, ou quando galopando para a esquerda, avança com o bipede lateral direito: n'este momento conhece o cavalleiro que o cavallo vae mal, porque experimenta na sua posição um movimento sensivel da direita para a esquerda, e inversamente no caso contrario.

Fauce.—Cavidade mais ou menos larga e profunda que existe na parte posterior da cabeça do cavallo, entre os dois ramos da maxilla inferior ou GANACHAS.

Feito.—Diz-se do cavallo quando attinge o termo do seu crescimento, e tem adquirido a plenitude de suas forças. Esta epoca não é fixa; para uns chega aos cinco annos, para outros aos seis, sete e ate oito, dependendo isto de differentes causas, como o clima, o apuro da raça, o estado de nutrição, a qualidade dos alimentos, o vigor e saude do animal. Pena é que se não possa precisar, porque sómente então deveria exigir-se a aprendizagem dos differentes trabalhos militares a que é destinado. A extrema difficuldade de a conhecer tem feito adoptar os cinco annos como ponto de partida uniforme para a sua instrucção. Infelizmente n'esta edade todos os cavallos (dizem alguns auctores), principalmente os mais finos, não estão FEITOS. O serviço prematuro que lhes exigem arruina-os e diminue aquelle que prestariam.

A experiencia tem feito avaliar em seis annos a duração media da edade estacionaria dos cavallos de fileira. A hygiene mais racional que successivamente os vae pondo em melhores condições lh'a augmentará para o futuro.

Ferradura.—Chapa de ferro, mais ou menos larga, curvada no sentido da sua espessura, representando a forma de um crescente, que se applica sobre a face inferior do casco, para o proteger contra a dureza e asperesas do solo. Divide-se em cinco partes, que são a *pinça* ou parte mais deanteira, os *hombros*, regiões immediatas da direita e esquerda; os *quartos*, que assentam sobre as quartas partes; e os *extremos* ou *pontas* que assentam nos talões.

A ferradura tem duas faces: uma superior, que assenta unicamente sobre o contorno inferior da tapa; e a inferior, que pousa no chão, e onde se abrem as craveiras.

Os ramos distinguem-se em interno e externo; os bordos das margens são: um externo, convexo, que descreve o contorno exterior da ferradura; e o interno é concavo e segue o contorno interior da mesma. A curvatura que cor-

responde á pinça, chama-se *abobada*. Denomina-se *espessura da ferradura*, a distancia comprehendida entre a face superior e a inferior. Dá-se o nome de *craveiras* aos buracos praticados na face inferior da ferradura, que dão passagem ás laminas dos cravos, e que devem *encaixar* parte da cabeça dos mesmos. A distribuição d'estas e differente na ferradura do pé ou da mão. Algumas vezes as ferraduras apresentam, alem das partes que acabam de ser inumeradas, o que se chamam *appendices*, destinados a diversos usos, taes são os *rompões* e *arpões*.

Ferragem.—A totalidade das ferraduras e cravos que se applicam aos pés do cavallo.—Tambem designa a mesma operação, ou acção de ferrar.

Ferrar.—Acto de pregar com cravos a ferradura no casco do cavallo. Consta das seguintes operações: desferrar, aparar o casco, ajustar e cravejar a ferradura.

Firmeza. Estabilidade, segurança do cavalleiro. As condições essenciaes de firmeza são: «A mais completa flexibilidade de todas as partes do corpo; tomar com a vista um ponto fixo entre as orelhas do cavallo, logo que haja deslocação; inclinar o corpo um pouco para a rectaguarda, como faz o homem quando está assentado; afrouxar a parte inferior do corpo, recolhendo o umbigo, todas as vezes que houver reacção da parte do cavallo; e não praticar movimento algum de extensão nas occasiões das saidas, das paradas e das defezas do cavallo.» (Reg. cav.)

Flancos.—V. ILHAES.

Focinheira. Correia que, em algumas cabeçadas, passa pela frente do focinho do cavallo, na altura dos cantos da bocca.

Focinho.—Parte da cabeça do cavallo que começa onde termina o CHANFRO e se estende até ao beiço superior. E' o appendice de que o cavallo se serve para aproximar os alimentos dos dentes incisivos.— Alguns auctores dão-lhe tambem o nome de PONTA DO NARIZ ou BICO.

Folgado.—Diz-se vulgarmente do cavallo bem tratado, gordo e que tem pouco trabalho.

Fontes.—Saliencias collocadas nas partes lateraes e

(1) rédea —

superiores da cabeça do cavallo, limitadas pelas celhas, orelhas, olhos, e faces.

Forjar.—Defeito do cavallo, que na marcha alcança as extremidades anteriores com as posteriores. Este defeito dá-se especialmente no trote, causa ferimentos, pode desferrar as extremidades anteriores ou occasionar quedas; é consequencia ou defeito do aprumo, ou do abandono da mão na redea.—Quando o cavallo FORJAR por ter alongado demasiadamente o trote, o cavalleiro elevará as mãos e unirá as pernas, até que cesse o toque das ferraduras.

Forragem. A sua significação vulgar é herva ou pasto; porém a militar é mais extensa, pois com os dois adjectivos verde e secco, abraça todo o genero de grãos cereaes, sementes e pode dizer-se viveres de campanha. Em tempo de paz a nossa administração militar só emprega este nome para designar as substancias de que o cavallo faz uso na sua alimentação.

Francalete. Nome generico em arreios, de toda a correia com fivela em um extremo no qual se prende ou afivela o outro.

Freio.—Peça de ferro formada por duas hastes parallelas chamadas CAIMBAS, respectivamente ligadas por outra haste ou peça perpendicular que tem o nome de BOCADO, que e o que entra na bôca do cavallo.

O bocado e formado por dois cylindros mais ou menos grossos, ligados na parte central por uma elevação de maior ou menor altura, mas de menor grossura do que os canhões.

Os dois cylindros teem o nome de CANHÕES, e a elevação chama-se ARCO OU MONTADA.

Os anneis da parte superior são destinados a receber as faceiras da cabeçada e os ganchos da barbella, e os da parte inferior servem para n'elle se afivelarem as redeas.

Teem muitas vezes outros pequeninos anneis que são destinados a receber a GAMARRILHA.

«Em um freio bem delineado, diz o coronel Salgado, devem as caimbas ter fórmas e comprimentos perfeitamente iguaes, estar perfeitamente parallelas uma á outra, o bo-

cado firme, e o seu eixo em esquadria com ellas. Observado o freio por um lado devem as caimbas, os seus olhaes e argolas coincidir perfeitamente.»

Frente.—Denominação que tambem se dá aos quartos dianteiros do cavallo, na pratica da EQUITAÇÃO.

Frente aberta.—Signal branco, largo e direito, que, principiando no meio da testa do cavallo, se estende até ás ventas.

Frizão.—Chama-se assim o cavallo pae ou GARANHÃO, destinado a produzir cavallos de tiro ligeiro. «*Aos destinados para fazer produzir cavallos para puxar por carruagens, e coches, chamam* FRIZÕES; *e tambem por elles serem grossos, nervosos, fortes, semelhantes aos da Provincia de Frise;...*» (Arte de Marialva, pag. 33.)

Fugir.—Diz-se do cavallo quando se desboca ou toma o freio nos dentes.

Furta.—Diz-se da acção do cavallo quando salta para os lados.

Furta-passo.—Andamento muito defeituoso do cavallo no qual o animal galopa com as extremidades anteriores e trota ou vae em andadura com o terço posterior. Este andamento provem geralmente da fraqueza de rins e dos membros posteriores, e é o andamento que se nota nos cavallos de posta pelo excessivo serviço a que os obrigam.

Garupada. —Movimento do cavallo quando, levantando a garupa não chega a mostrar os cascos ou as ferraduras. E' um AR-ALTO, mais elevado que a CURVETA. (V. CURVETA).

Ginete. —Soldado ligeiro a cavallo, montado e armado ao uso mourisco, com lança e adaga, as pernas encolhidas e estribos curtos, imitando os mouros, de quem tambem se houve a palavra. Alguns dizem que vem do arabe *genet*, que significa soldado; outros de *zenete*, tribu africana. Hoje soldado de cavallaria, ou melhor todo o que monta a cavallo. Diz-se tantos infantes e tantos cavallos, tantos piões e tantos ginetes.

Golpe de lança. —Depressão natural e profunda que apresentam certos cavallos no pescoço, espadua ou na nadega, por se assemilhar ao resultado de uma ferida com esta arma.

Governo. —O modo do cavalleiro fazer obedecer o cavallo a executar todos os movimentos e attitudes que d'elle exigir; ou o meio de acções, que constituem uma especie de linguagem entre a sua vontade e as faculdades do cavallo, e pela qual se faz d'elle obedecer, chama-se GOVERNAR ou o GOVERNO do cavallo. Este governo faz-se por meio de tres agentes do cavalleiro, que estão em contacto ou em communicação com o animal: as mãos, o tronco do corpo e as pernas. (V. AGENTES.)

Grade. —Movel formado por uma serie de ripas de madeira, que estabelece com a parede da cavallariça um reservatorio onde se lança a ração de palha ou feno para o cavallo.

Guia. —Instrumento, como lhe chama Marialva, destinado ao ensino dos poltros, e a moderar ou aniquilar a rebeldia de alguns cavallos. Consta de um tecido estreito de canhamo semelhante ao das redeas ordinarias do cabeção, com o comprimento de 10 metros proximamente, terminando em uma das extremidades, ou pontas, por uma correia de 0,15 de extensão, com sua fivela e passador forte para se afivelar na argola do tronel do cabeção. Na outra extremidade, ou ponta, deve haver uma presilha do

mesmo tecido da guia de $0^m,10$ pouco mais ou menos de comprimento, para se lhe poder pegar bem e dobrar na mão todo o resto.

Gurma. — Molestia, que vulgarmente se denomina PAPEIRA, que ataca a maior parte dos PORCOS no desenvolvimento dos dentes durante a sua erupção e nos phenomenos do crescimento. É um tumor de grandeza variavel, que apparece no pescoço ou queixadas.

H

Hippiatrica. — Arte de conhecer e tratar as doenças dos cavallos, em particular, e as dos outros animaes domesticos, em geral. — Synonimo de VETERINARIA.

Hippologia. — Parte das sciencias naturaes que trata do cavallo. O seu estudo e muito importante para o cavalleiro militar; ella lhe ensina d'uma maneira geral, a organisação do animal que monta e lhe faz conhecer as suas boas qualidades ou seus defeitos, sua aptidão para o serviço e sua resistencia ás fadigas das manobras ou d'uma campanha; ella lhe indica finalmente os meios de o conservar em perfeito estado de saude e os primeiros cuidados a prestar-lhe em caso de doença.

Hippometro. — Instrumento muito semelhante á craveira em que se medem os soldados, destinado a apreciar a altura dos cavallos. Consta de duas partes principaes: 1.º A *haste*, regua de madeira, vertical, tendo marcadas em escala ascendente um certo numero de pollegadas ou fracções do metro; 2.º O *braço*, peça de metal, horisontal, movel ao longo da haste, podendo fixar-se em qualquer ponto d'esta por meio d'uma escravelha.

Para fazer uso d'esta medida, depois de bem collocado o cavallo, encosta-se a haste a espadua verticalmente, e de fórma que fique parallela com o cume da cernelha, tendo previamente elevado o braço a maior altura da haste; depois deixa-se descer o braço até cima da cernelha. O numero indicado sobre a escala da haste no ponto em que o braço foi fixado, dará com exactidão a altura do cavallo em todas as circumstancias de enchimento da espadua, tendo comtudo o cuidado de descontar a altura dos talões.

Hypodromo. — Circo, praça, area onde se fazem corridas e exercicios a cavallo.

I

Igualar o governo. —Expressão que designa no governo dos cavallos pelo bridão, a acção de ter ambas as mãos na mesma altura, ambas as redeas em igual comprimento, e ambas igualmente tensas. «Iguala-se o governo para que o cavallo, não sendo mais sollicitado por uma redea do que por outra, marche directamente para a frente ou para a rectaguarda.» (Reg. Cav.)

Ilhaes.—O mesmo que FLANCOS. São a parte abaixo dos rins, desde a ultima costella falsa até as ancas do cavallo.

Ilhargas.—O mesmo que ILHAES, FLANCOS ou VAZIOS.

Incapotar. -V. ENCAPOTAR.

Incerteza da bocca. Chama Marialva ao defeito do cavallo, quando estende amiudadas vezes o focinho para diante e para traz, por effeito de estranhar a sensação do freio: dizendo-se n'este caso que *bate no freio*. Este defeito é muito trevial nos cavallos que ainda não tem governo algum. Quando o mesmo defeito provem do cavallo ser bravo e insoffrido, então sacode muitas vezes o freio para um e outro lado, e da cabeçadas.

Incitatus. Nome de um cavallo como quem o imperador Caligula quiz partilhar as honras do consulado.

Indomito.—Não domado, bravo, bravio. Diz-se do potro.

Instincto. —E' uma faculdade involuntaria, ou uma força interior, que faz que o cavallo goste de uma cousa ou a deteste, que acceite ou regeite outra, que se amelgue ou encolerise, etc. sem que estes actos possam ser

julgados consequencias de outros. E' por INSTINCTO que a egua pensa o poldro ou poldra que pariu; que protege; que o chama rinchando, quando elle se afasta; é por INSTINCTO que o poldro busca a teta da mãe para se amamentar; é por INSTINCTO que o cavallo dá COUCES ou repelle tudo que lhe faz mal, etc.» (Reg. Cav.)

Inteiro.—Diz se do cavallo não castrado. O cavallo inteiro conhece-se á primeira vista, pelo desenvolvimento de suas fórmas exteriores pescoço mais espesso, peito mais largo, etc.

Intelligencia.—«E uma faculdade voluntaria, que faz que o cavallo distinga a vantagem ou inconveniente que lhe resulta de uma cousa ou de um ente; que o leva a mostrar a sua sympathia ou antipathia pelas cousas ou pelas pessoas.

«E' por effeito da intelligencia que o cavallo, mesmo sendo bravo, distingue o tratador que soube pela brandura ganhar-lhe a amisade, e que, ainda sendo manso, dá mostras de detestar, e as vezes maltrata, o homem que o castigou injustamente; e por effeito de INTELLIGENCIA que elle chega a conhecer os toques da ração, dos diversos andamentos, etc.» (Reg. Cav.)

Isabel. -Da se este nome ao cavallo cuja pellagem tem uma côr branca mais ou menos amarellada, formada pela mistura de pellos brancos com amarellos. Conforme o predominio da côr branca ou amarella, assim se diz: ISABEL CLARO -quando a côr branca predomina sobre a amarella; ISABEL-ESCURO -mais amarello do que branco; SOPA-DE-LEITE —combinação do branco e amarello, dando a côr da sôpa de leite; CAFÉ COM-LEITE—outra modificação na combinação das mesmas côres, dando a tinta do café com leite; póde ser mais ou menos escura.

Os cavallos ISABEIS apresentam ás vezes os cabos e as crinas pretas; e outras vezes as crinas brancas e os cabos da côr da pellagem.

J

Jaez.—Apparelho, adorno, ornato de cavallo.

Jarrete.—Articulação que reune a base da perna com a canella nos membros posteriores do cavallo. E' uma das regiões mais importantes d'estes membros, em rasão dos extensos e repetidos movimentos de que é séde. Tambem se lhe chama CURVILHÃO.

Joelheira. Calva mais ou menos extensa e arredondada na frente do joelho, as vezes callosa ou recoberta por alguns pellos brancos. Quando callosa, esta mancha do joelho póde accusar a fraqueza dos membros anteriores, que faz ajoelhar frequentemente o cavallo quando anda. Uma queda accidental, uma forte pancada contra a manjadoura ou outro corpo duro, póde tambem occasionar joelheiras no cavallo mais seguro.

Jogar de garupa. - Locução que exprime a acção do cavallo quando ATIRA ou dá COUCES.

Justa, justador. —Peleja ou combate singular que se fazia a cavallo e com lança. JUSTADOR, o cavalleiro que justava.

Justura. — Na arte de ferrar, chama se assim a disposição que o artista ferrador dá ás differentes partes da ferradura para a adaptar, accomodar e ajustar convenientemente ao casco do cavallo para que é destinada.

L

Ladear —Andar o cavallo para os lados conservando porem a mesma frente. Diz-se ladear para a direita ou para a esquerda, conforme o lado para que muda de posição, e o direito ou esquerdo.

Largo. — Nos andamentos do cavallo, só se applica ao PASSO e ao GALOPE, se as pistas marcadas no solo pelos pés, estão adiante das pistas das mãos. O passo largo tambem se denomina PASSO DE ESTRADA.

Lavado. — Termo que exprime a descoloração de certas partes a pellagem dos cavallos; assim diz-se LAVADO nas axillas, nos ilhaes, etc.

Lazão ou **Alazão**. — Caracterisco do cavallo cuja pellagem tem a cor d'um vermelho amarellado ou ruivo, e que segundo seus differentes graos tem recebido os seguintes epithetos. LAZAO propriamente dito: CLARO quando é quasi amarello. DOURADO se reflecte a colloração brilhante do ouro novo. ESCURO se pende para vermelho: QUEIMADO assemelhando-se ao café torrado. Muitas vezes na pellagem ALAZAO as crinas teem uma côr muito mais clara que os pellos.

Levantar-se. — O mesmo que EMPINAR-SE, ou EMCABRITAR-SE. Quando o cavallo SE LEVANTA, executa um movimento combinado, que começa pelo de UNIR-SE. Para se oppor, o cavalleiro deve primeiramente empregar a acção do bridão para elevar a cabeça do cavallo, e evitar que elle se UNA. Se o não pode impedir de unir-se, deve empregar a acção do freio antes d'elle se levantar, procurando conserval-lhe a cabeça firme e meio recolhida, porque o cavallo não pode levantar-se sem deslocar primeira-

mente a cabeça. Chegando o cavallo a LEVANTAR-SE, deve dar-lhe a mão, e ter o corpo inclinado para a frente e para um lado emquanto estiver no ar; e atacal-o com ambas as esporas, *antes durante e depois* d'elle tomar esta defesa». (Reg. Cav).

Listra ou **Raia**. — Uns auctores servem-se do primeiro d'estes termos, outros do segundo, para designarem um signal preto que se estende desde a cernelha até á cauda do cavallo; e ainda para outro signal que ás vezes se cruza com aquelle sobre as espaduas. Ao primeiro chamam LISTRA OU RAIA *de mulo*; ao segundo, LISTRA OU RAIA *de burro*.

Lombos ou **Rins**. — Região do corpo do cavallo em continuação do dorso, sem demarcação exterior bem sensivel; estão collocados adiante da garupa e por cima dos flancos que lhe correspondem.

Loros. — Correias duplas e estreitas de que pendem os estribos, ligando-os ao mesmo tempo á sella ou ao sellim, para o que teem de um lado uma dupla fivela terminando do outro lado em ponta, e apresentando certo numero de furos a eguaes distancias, um dos outros.

Lupa ou **Lupia**. — Tumor molle que occupa a face anterior do joelho do cavallo, provemente, na maior parte dos casos, de baterem com elles na manjadoura.

Luva. — Um dos artigos do trem de limpeza do cavallo. Especie de saco pequeno feito de crina. Serve para esfregar o animal em todos os pontos em que não deve tocar a almofaça (como são a cabeça, as pernas, etc.), e para todo o corpo, quando o pello estiver curto e a pelle fôr muito fina.

M

Machinho. Tufo de crinas existente na parte posterior do boleto, cujo comprimento, quantidade e finura, variam segundo o grão de distincção do cavallo. Nas raças nobres, o MACHINHO é formado por um pequeno tufo fino e sedoso; nas raças communs pelo contrario, compõe-se de crinas compridas e grosseiras que chegam ao chão.

Macho.—Nome do animal produzido do burro e egoa, e poucas vezes de cavallo e burra, diz Marialva. Esta especie de animaes é mistiça, monstruosa e imperfeita: e posto que elles sejam parecidos aos cavallos na apparencia, comtudo differem muito d'elles na essencia».

Malandres. —Fendas transversaes na pelle que fórma a prega do joelho do cavallo, as quaes além de desagradaveis á vista, difficultam o movimento da articulação no começo do exercicio. Vulgarmente teem o nome de FRIEIRAS.

Malha. —Porção de pellos destacada e distincta da pellagem do cavallo. As MALHAS são em geral brancas ou pretas, podem affectar diversas fórmas, e apresentarem-se em qualquer região do corpo do animal.

Malhado. —V. PÉGA.

Manalvo. —Diz-se do cavallo que tem as mãos malhadas de branco.

Mandil.—É um dos artigos do trem de limpeza do cavallo. Serve para lhe enxugar depois da lavagem todas as partes do corpo que foram molhadas.» Este artigo, diz o coronel Salgado, era geralmente cortado, a capricho ou

ao acaso, de mantas velhas; e alguns chegavam a ser de tamanho e peso despropositados. Em 1873 foi determinada a qualidade do estofo de que deveria ser feito, e a superficie que deveria medir.» (*A Questão da cavallaria*).

Manejo. — O acto de manejar de fazer manejar o cavallo; o exercicio que se obriga a fazer ao cavallo, para o dirigir. A arte de domar, de instruir, de disciplinar os cavallos. — CAVALLO *de manejo*. — MANEJO *de guerra*; diz-se de um golpe desigual em que o cavallo muda facilmente de mão. «A palavra MANEJO, diz Marialva tem duas significações, e se pode entender por nome proprio do terreno, ou Picadeiro, em que se exercitam os cavallos, ou como ai, ou trabalho, que por meio da lição lhes fazem aprender.»

Manha. — Habito, costume vicioso. É o termo com o qual o vulgo indistinctamente designa as BIRRAS de certos cavallos, e as DEFEZAS de que outros se servem (V. Birra e Defezas).

Manjadoura. — Especie de canal tanado nos lados e onde se administra a ração ao cavallo. Pode ser de pedra ou de madeira.

Manqueira. — Irregularidade no movimento de qualquer membro do cavallo, donde resulta um estrepido mais fraco em relação aos dos outros membros. Alguns chamam-lhe CLAUDICAÇÕES.

Manta ou **Xairel.** — Pequeno panno de lã que se costuma collocar sobre o dorso do cavallo, por debaixo do sellim, e que serve para poupar os suadoros do sellim, e para evitar que o cavalleiro suje o casaco, quando este é comprido a ponto de tocar no cavallo.

Mão da redea, a que tambem se chama MÃO DA BRIDA, é a esquerda, que leva as redeas e deve ser firme e suave ao mesmo tempo; e, para que conserve sempre o poder da sua acção, precisa estar sempre em uma posição que domine em altura a bocca do cavallo.

Marca. — Esta palavra tem duas accepções: como signal ou *ferro do lavrador* são varias figuras feitas com ferro quente, geralmente no grosso d'uma das pernas, or-

dinariamente a esquerda, com o fim de fazer conhecida a origem ou raça donde o cavallo provém. Estas marcas ou figuram letras, ou affectam fórmas diversas segundo o capricho do criador, ás quaes se ligam muitas vezes relações de gerarchia e nobreza dos proprietarios. Na segunda acepção, designa a estatura regulamentar do cavallo, para os diversos serviços do exercito.

Mascar o BOCADO. — Vicio que contrahe o cavallo quando se lhe colloca o bocado demasiadamente baixo.

Massa.—«Em equitação e com refererencia ao cavallo, dá se este nome ao todo do animal considerado simplesmente como materia, ou ao todo formado pelo cavallo e cavalleiro.» (Reg. Cav.)

Meia volta.—Movimento circular do cavallo, ordinariamente pela direita quando montado, por meio do qual volta a frente para a parte onde tinha a garupa.

Meio cavallo. O mesmo que GARRANO, como se deprehende do seguinte trecho: «*Entre todos os freios articulados ha apenas um, que pode com vantagem ser empregado em* MEIOS CAVALLOS (GARRANOS), *ou em cavallos pouco montados, e a caça.*» (Salgado A *Questão da cavallaria*, pag. 203).

Membros. - Nome collectivo que em EQUITAÇÃO e HIPPOLOGIA se costuma dar as quatro columnas locomotoras do cavallo. Os membros dividem-se em: anteriores, e posteriores. Os membros anteriores são os braços, e os posteriores as pernas.

Memoria.—«E' a faculdade que o animal tem de recordar-se de sensações passadas.

«O cavallo que passa proximo da cavallariça, onde em outro tempo esteve alojado, quer entrar n'ella, ou, ao menos olha para a porta: foi a MEMORIA que lhe recordou um facto passado.»

Pela MEMORIA distingue o dono ou o tratador dos outros homens; tem medo do chicote ou do chambrié, depois que com elles foi castigado, etc. (Reg. Cav.)

Napoleão, fallando das faculdades do cavallo dizia: «Tem MEMORIA, conhecimento e estima a certas pessoas: eu tive

um que me conhecia e sabia distinguir-me; de ninguem se deixava montar senão de mim e d'aquelle que o tratava; e ainda com este, seu ar era tão differente de quando eu o levava, que parecia ter a convicção de que era uma pessoa que o não merecia.»

Mento.—Proeminencia carnuda existente no beiço inferior do cavallo. Na EQUITAÇÃO só interessa como ponto limitante do appoio da BARBELLA. Muitos auctores designam tambem esta região com o nome de PONTA DA BARBA.

Mobilidade. Facilidade de se pôr em movimento, de se mover com rapidez.—«Principio imprescritivel da existencia actual da cavallaria», como muito bem diz o *Relatorio da commissão nomeada para a reforma da instrucção da cavallaria.*

Mocho. Cavallo privado d'uma parte das orelhas, ou d'uma d'ellas. V. TRONCHO.

Montada. Elevação maior ou menor que se dá á caimba do bocado, para que o cavallo possa collocar e passar facilmente a lingua por baixo d'elle.

Montado.—V. A CAVALLO.

Montar. Regularmente toma-se no sentido de cavalgar ou pôr-se sobre cavallo ou muar.—MONTAR CURTO. Montar com os estribos muito curtos. MONTAR EM PELLO. Montar sem sella nem arreio algum.—MONTAR LARGO. Montar com os estribos compridos.—MONTAR A GARUPA. V. GARUPA.—MONTAR A CAVALLARIA. Dar-lhe cavallos, provel-a de cavallos.—PREPARAR PARA MONTAR. Voz regulamentar preparatoria na tactica elementar das tropas a cavallo.

Mortalha, Touca branca ou Toalha.—Da-se qualquer d'estes nomes, diz a *Arte* de Marialva, ao signal branco que alguns cavallos tem, que lhes cobre toda a frente, e entra na boca.»

Muralha Muro—No ensino da equitação, designa qualquer d'estes nomes as paredes do PICADEIRO.—MURALHA, TAPA OU TAMPA, é tambem toda a substancia cornea que forma a circumferencia do casco no pé do cavallo.

Musqueados.—Na pellagem do cavallo têem

este nome uns pequenos feixes de pellos de côr mais carregada do que o resto da pellagem: particularidade que se dá mais frequentemente nos ruços e alazões.

N

Náfego. -Defeito no cavallo que tem uma anca mais curta do que a outra, o que póde ser da propria conformação do osso, ou da sua fractura; n'este ultimo caso os movimentos do membro correspondente são ás vezes irregulares em consequencia da deslocação da parte ossea fracturada, e da mudança de direcção dos musculos que n'elle prendiam.

Narinas. -Como synonymo de VENTAS do cavallo, é usado este termo por diversos auctores.

Normanda. -É uma raça cavallar franceza que gosou sempre um credito bem merecido na Europa, fornecendo-a de bons cavallos, cuja importancia e apreço é anterior á apparição dos cavallos inglezes. O cavallo NORMANDO tem caracteres distinctivos que o fazem muito apreciavel. Resiste com vigor á influencia de qualquer clima, vive muito e é sadio, qualidades que o tornaram notavel na companha da Russia, em 1812.

Nuca.—A região mais elevada da cabeça do cavallo comprehendida entre as orelhas e a juncção do pescoço. Pelo lado da EQUITAÇÃO exige-se que a NUCA seja ligeiramente arredondada lateralmente, a fim de melhor supportar e manter a cachaceira, favorecendo a prisão da cabeçada que contém o cavallo. Quando e mal conformada ou a cabeçada está mal posta, principalmente nos cavallos que recuam violentamente por serem espantadiços, origina-se

ahi um tumor ao q al se dá o nome de TESTUDO, MAL DE NUCA, ou de TOUPEIRA, e que muitas vezes tem consequencias funestas.

Obediente.—«Chama-se OBEDIENTE, diz Marialva, aquelle cavallo, que está desembaraçado, e igual nos seus movimentos, que esta facil, e bem plantado no chão; que segue todas as sensações da mão participadas pela embocadura, que obedece promptamente ás ajudas das barrigas das pernas do cavalleiro, como tambem as dos joelhos, calcanhares, e esporas, fugindo as impressões das suas sensações com desembaraço, e obediencia, seja determinando o seu movimento sobre linhas rectas para diante ou para traz, seja obliquando para a direita ou para a esquerda, sem se atravessar, ou desconcertar na sua acção.»

Olhaes.—São duas cavidades mais ou menos profundas existentes na testa do cavallo e superiormente aos olhos. Augmentam de profundidade com a magreza e com a idade. Muitos auctores dão-lhe tambem a denominação de COVAS DOS PARIETAES.

Olivas ou Parotidas.—Depressões lateraes, e inferiores ás orelhas do cavallo, que marcam o ponto de juncção da cabeça com o pescoço.

Opposições.—Os meios que o cavalleiro, ou o conductor emprega para contrariar os movimentos desordenados que o cavallo pratica ou intenta praticar.

P

Palafrem. Cavallo em que antigamente o rei e os nobres faziam a sua entrada nas cidades.—Cavallo elegante e bem adestrado, e particularmente o que era destinado a uma senhora nas funcções publicas e para a caça.

Palheiro.—Local coberto, edificio ou armazem onde se guarda a palha para consumo do cavallo.

Parar.—Cessar o andamento, fazer alto. E' verbo usado no Reg. de Cav. «*Quando o cavalleiro quizer fazer* PARAR *o cavallo, pesará igualmente sobre ambos os lados, levando o corpo á retaguarda*» (Titulo 1. pag. 221).

Parotidas.—(V. OLIVAS.)

Parradas. Chamam-se as orelhas do cavallo quando muito affastadas entre si, e inclinados de maneira tal que quasi se tornam transversaes, como as orelhas dos bois.

Passador.—Nome generico em arreios, de toda a peça de couro ou ferro que une duas outras, e que corre por ellas segundo se quer, com o fim de egualal-as, alargal-as ou encurtal-as.

Passar de mão. Diz-se quando se muda a direcção da marcha do cavallo de modo que, se elle está trabalhando para a direita, passa a trabalhar para a esquerda: e inversamente.

Passo.—Andamento vagaroso e que o cavallo póde sustentar durante muito tempo: n'este andamento as patas

do cavallo levantam-se successivamente, e assentam no solo pela ordem porque se levantaram; assim, se o andamento foi começado pela mão direita, seguir-se-lhe-ha logo a perna esquerda, depois a mão esquerda, e afinal a perna direita; e todas se collocarão no solo pela mesma ordem, e de modo que haverá sempre duas patas no ar e duas outras no chão.»

«O andamento do passo pode vencer uns 110 metros por minuto.

«O passo bate-se em quatro tempos, por bipede diagonal, perfeitamente distanciados por intervallos iguaes, 1, 2, 3, 4, que fazem differençar claramente este andamento dos outros dois andamentos.

«O passo póde ser:—curto, regular, e largo ou de estrada (conforme as pistas marcadas no solo pelos pés, estão atraz, em cima, ou adiante das pistas das mãos).» (Jalles—Equitação).

Patas. Nome collectivo que se dá aos quatro pés do cavallo.

Patear. —«Os cavallos, que em lugar de suster os seus braços altos, e as pernas na regular figura, que devem observar, quando suspendem, antes sem elles precipitam o seu movimento com acceleração, e sem igualdade, se diz que PATEIÃO. Os que são muito colericos, e que tem muita vivacidade, são sujeitos a este defeito. O mesmo succede a alguns, por terem má lição; e a outros, porque já não podem.» (Marialva pag. 158).

Patilha. -Parte mais elevada na rectaguarda do assento do SELLIM.

Pecuaria. A arte da creação e tratamento do gado.

Pé em terra.—Locução technica de cavallaria. Não estar sobre o cavallo, baixar-se d'elle.

Pêga. Denominação que se dá a certa côr da pellagem do cavallo pela analogia com a do passaro do mesmo nome, e que provem da mistura em largas manchas da côr branca com qualquer outra côr, originando tantas variedades quantas a côr com que o branco se reunir. Alguns auctores dão tambem a este pellame o nome de MALHADO.

Pegar-se.—O mesmo que ESTACAR (V. este termo).

Peitoral.—Peça de couro destinada a evitar que o sellim corra para a rectaguarda; vai da frente do sellim, por um e outro lado do cavallo, cruzar-lhe no peito. Nota-se no peitoral: os *braços*, as *fivellas dos braços*, os *resguardos*, os *passadores*, o *coração*, o *botão*, o *corpo*, a *fivela do corpo*, e o *suspensorio*.—Alguns hippologos dão o nome de PEITORAL ao peito do cavallo; outros sómente a sua face anterior.

Pellagem ou Pellame.—Designa qualquer d'estes nomes a reunião de todos os pellos que cobrem o corpo do cavallo. Em attenção ao comprimento e grossura, e igualmente ás regiões do corpo em que existem, assim conservam o nome de PELLOS ou tomam o de CRINAS. Suas diversas côres e sua differente mistura constituem um grande numero de PELLAGENS. Muitos auctores tem procurado complicar este estudo de sua natureza facil. Cada um tem julgado ver melhor que os outros e não se sabe bem o porque se tem criado divisões e subdivisões que nada satisfazem e que sobretudo são na pratica completamente inuteis.

Aos nossos leitores que quizerem ter conhecimento rapido d'esta materia recommendamos o livrinho de EQUITAÇÃO do sr. capitão Jalles na *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, e o *Cours d'hippologie* de Mr. E. Lescot, por nos parecerem os mais resumidos e claros.

Penso.—A porção de cevada ou de qualquer outro alimento que a horas determinadas se dá ao cavallo.

Percheronna.—Nome d'uma raça de cavallos do norte da França.

O cavallo PERCHERON é um typo de tiro ligeiro, sobretudo procurado para o serviço das postas e diligencias. Como o nome indica é na Perche o paiz natal do cavallo d'esta raça.

Perineo.—Espaço comprehendido entre o anus e os orgãos genitaes: no cavallo estende-se até aos testiculos; na egua é interrompido pela vulva e chega até á região mamaria.

Pernada.—Movimento ou estenção da perna do cavallo, lateralmente ou para trás, sem comtudo completar o couce. «*Em quanto o tratador limpar a cauda, estará atraz da garupa, se o cavallo fôr socegado, e á esquerda voltado para ella, se elle tiver o habito de dar couces; e em qualquer dos casos, attento, para evitar o ser alcançado por alguma* PERNADA.» Reg. Cav. Tit. I. pag. 181.

Piafer. —«Suspender, ou PIAFER se chama a um movimento que os cavallos fazem ao passo, dobrando os seus braços altos, e com bom ar, sem se atravessar, e tambem sem avançar, nem recuar, determinando os seus movimentos com obediencia e regularidade pelas sensações ou ajudas das mãos e pernas do cavalleiro: advertindo tambem que póde suspender, marchando para diante, recuando, ou tirando atraz, e obliquando para uma e outra parte.» (Arte de Marialva).

Picadeiro.—Logar em que se adestram cavalleiros e cavallos. O PICADEIRO é *aberto* ou *fechado*, a que outros chamam *coberto* ou *descoberto*: segundo a sua figura, *circular*, *rectangular* ou como vulgarmente se diz *quadrilongo*.

Picador.—O encarregado de domar e ensinar potros, e em geral do concernente á EQUITAÇÃO. Em cavallaria e artilheria é encarregado do ensino de todos os cavallos e muares do regimento, da instrucção a cavallo dos soldados recrutas, e em geral do concernente á equitação, competindo-lhe mais todo o serviço que os artigos 40 a 42, inclusivé, do *Regulamento geral para o serviço dos corpos*, prescreve.

Picaria.—Arte de montar a cavallo — Arte equestre — EQUITAÇÃO.

Picarso. — Particularidade da pellagem do cavallo de côr ruça, quando em fundo negro apresenta muitos pellos brancos disseminados, formando outros tantos pontos brancos, que fazem parecer o pellame picado.

Pileca.—Nome que vulgarmente se dá ao cavallo pequeno, desagradavel á vista, e incapaz para o serviço de sella.

Pinça ou Lume. — Porção mais dianteira da muralha, no casco do cavallo. (V. MURALHA e TAPA).—PINÇA, chama-se tambem a parte mais dianteira da ferradura; e PINÇAS denominam-se os dentes incisivos do cavallo, situados no meio da arcada dentaria.

Pingalim. -Açoute ou chicote delgado e comprido de que usam os cocheiros.

Post-mão.—Na divisão do corpo do cavallo para o ensino da EQUITAÇÃO, entende-se por POST-MÃO, a que tambem se chama TERÇO POSTERIOR, tudo quanto fica comprehendido entre as extremidades posteriores, incluindo estas mesmas, e a extremidade da cauda: ou tudo que fica para traz da mão direita do cavalleiro, na acção de montar.

Pousada.—(V — EMPINO.)

Pressão. É um dos tres modos pelos quaes as pernas do cavalleiro actuam sobre o cavallo. «Pela PRESSÃO o cavalleiro actua para unir o seu cavallo, qualquer que seja a posição das pernas, não obstante ser geralmente junto as cilhas a mais conveniente para a equitação, em que se quer ter o cavallo bem equilibrado e prompto, sem comtudo arruinar os membros posteriores. A PRESSÃO deve ser graduada pela sensibilidade do cavallo e regulada pela resistencia que elle offerece.» (Reg. Cav.)

Prisão.—A corda com que habitualmente se prende o cavallo á manjadoura, ou a qualquer argola.

Pulmoeira. Lesão interna que deprecia consideravelmente o cavallo, e cujo começo é apenas annunciado por uma ligeira modificação no movimento do flanco, mais sensivel quando o animal está agitado ou distrahido.

Puro sangue. — Para o definirmos melhor, sirvamo-nos das palavras de M. Gayot: «O que é o PURO SANGUE senão a densidade, o peso, a compacciadade dos ossos, a elasticidade da fibra muscular, a energia das suas contracções, a resistencia dos tendões, a saliencia e vigor dos apêgos d'estes orgãos; a amplidão, o volume e a solidez de todas as visceras, membranas e vasos; o desenvolvimento do cerebro, fonte da força moral, da intelligencia e das mais brilhantes qualidades?»

O cavallo arabe, prototypo da especie cavallar, é o unico que merece a qualificação de PURO SANGUE. Os inglezes crearam com o cavallo arabe uma raça selecta, que qualificaram de PURO SANGUE, para significar sem duvida as qualidades superiores do sangue que lhe corre nas veias, e as faculdades correspondentes. Define-se o PURO SANGUE inglez, o cavallo arabe tornado mais alto, aclimado ao solo da Inglaterra com o proposito de obter d'elle esta especial qualidade de *supervelocidade* nas corridas do hypodromo.

Quadriga.— Chamava-se antigamente o TIRO de quatro cavallos de frente, que tirava ou puxava o carro de guerra, que tambem se denominava QUADRIGA.

Quadrilongo. - Synonimo alguma vez de PICADEIRO. Em geral o rectangulo ou espaço rectangular, como se chama em geometria, destinado á instrucção a cavallo dos recrutas.

«Os picadeiros abertos serão rectangulos demarcados, em terreno plano e proximamente horisontal, pela collocação de quatro homens a pé, ou bandeirolas, ou estacas, etc, nos quatros vertices dos angulos dos ditos rectangulos. Os locaes deverão ser escolhidos, quanto possivel, de modo que não haja n'elles grande movimento de transeuntes, objectos ou bulha, que possam distrair as attenções dos homens ou dos cavallos. O solo será unido e limpo de pedras. Cada rectangulo deverá ter 15 a 20 metros de lado menor, por 45 a 60 metros de lado maior.» (Reg. Cav.)

Quartella. - Espaço comprehendido entre a junta da mesma e a corôa.

Quartellado ou Quartelludo.—Diz-se do cavallo que tem a QUARTELLA comprida.

Quartos.—Fendas que se abrem nos quartos do casco do cavallo, pouco mais ou menos, desde o pello ou corôa do casco, até á ferradura; e são mais frequentes nas extremidades anteriores, e produzem a maior parte das vezes manqueiras. (V. RAÇAS)

Quartos. (em)—Uma das maneiras em que, na equitação, se considera dividido o corpo do cavallo. Esta divisão comprehende duas partes: QUARTOS DIANTEIROS e QUARTOS TRAZEIROS.

Os QUARTOS DIANTEIROS.—alcançam no corpo do cavallo tudo quanto está comprehendido entre as ventas e a linha media em que assentam as cilhas.

Os QUARTOS TRAZEIROS. — abrangem todo o resto do cavallo desde a linha media, em que assentavam as cilhas, até á extremidade da cauda.

Os QUARTOS DIANTEIROS, tambem chamados FRENTE, dividem-se em *direitos* e *esquerdos*, comprehendendo as partes que ficam de cada um dos lados direito ou esquerdo.

Os QUARTOS TRAZEIROS tambem se dividem em *direitos* e *esquerdos*, comprehendendo as partes que correspondem ao lado direito ou esquerdo.

Quatrálvo. — Diz-se do cavallo que tem os dés e as mãos brancas,

R

Rabão.—Apesar da sua terminação augmentativa significa cavallo de pouco rabo ou sem rabo.

Rabicão. — Expressão que designa a presença d'um maior ou menor numero de pellos brancos espalhados sobre uma pellagem escura, sem comtudo serem em tão grande quantidade que a impeçam de conservar seu nome. Assim diz-se RABICÃO se tem pellos brancos em

todo o corpo; ligeiramente ou muito RABICÃO conforme são poucos ou muitos; RABICÃO nas espadoas, na cauda, etc. quando existem sómente n'estas partes.

Rabicho. —Peça de couro, presa por baixo da parte posterior da sella, ou da patilha do sellim, que se enfia no rabo do cavallo, a fim de manter o sellim de forma que não corra para a frente.

Nota-se no RABICHO: o *corpo*, a *boneca*, a *ponta*, a *fivela*, e o *passador*.

Rabijar. —Termo que usa Marialva, para designar o movimento que o cavallo faz com a cauda quando sente a espora «...*as puas das esporas pimais devem andar continuamente jogando sobre o pello do cavallo, para não lhe atenuar a sensibilidade do ventre, e obrigal-o com este mau costume a dar ou* RABIJAR *effectivamente com a cauda*...» (Arte de Marialva pag. 190).

Rego na sua *Alveitaria*, cap. 1 designou este movimento da cauda com o nome de CABEAR.

Rabo. —O mesmo que CAUDA. Usa-se com mais restricção d'esta palavra, applicando-a á cauda dos cavallos e muares.

Ração. —Quantidade de alimentos que se dá a um cavallo durante vinte e quatro horas.

Raças. —Fendas que se abrem no meio do casco do cavallo, em direcção vertical ou horisontal, e occupam tambem, como os QUARTOS, o casco desde a corôa á pinça; são mais communs nas extremidades anteriores. (V. QUARTOS).

Raspadeira. —Um dos artigos do trem de limpeza do cavallo. Serve para limpar os cascos, fazendo destacar toda a lama que tiver adherido, e até mesmo qualquer corpo extranho que se tenha installado nos talões, nas ranilhas, ou mesmo entre a ferradura e a palma. Consta apenas de um simples bocado de chapa de ferro, da forma de uma folha de faca com a ponta arredondada.

Rasteiro. —Cavallo, que a passo ou a trote, eleva pouco os membros anteriores rasando quasi o terreno com

a pinça. Alguns dão-lhe tambem a denominação de TERREIRO.

Rato.—Fallando-se da côr do cavallo, o typo RATO, é aquelle cuja pellagem cinzenta, ou parda se assemelha á côr do rato vulgar; os pellos são sempre metade preto e metade branco, e conforme o branco ou preto está na raiz ou na ponta do pello, assim se diz: RATO-CLARO—predominio do branco sobre o preto; RATO-ESCURO—predominio do preto sobre o branco.

Muitas vezes são estas pellagens acompanhadas de signaes negros, como a listra de mulo e a listra de burro.

Rebelde. - Diz-se do cavallo indomito, indocil, teimoso. O mesmo que REBELLÃO. «E' facto reconhecido, disse o coronel Salgado, de que a maior parte dos cavallos se tornam REBELDES ou indomitos por effeito da má direcção dada aos seus instinctos durante a creação, ou por falta de intelligencia e mestre dos cavalleiros que os ensinam ou que os montam.»

Rebellão.—Cavallo que resiste á espora e não obedece ao cavalleiro.

Recolher O CAVALLO.—E' combinar as ajudas para preparar a execução mais exacta de um movimento. E' o mesmo que UNIR o cavallo. (V. UNIR), ainda que o RECOLHER seja mais propriamente applicado, quando só nos referimos á posição da cabeça do cavallo. Diz-se que o cavallo está RECOLHIDO quando tem a cabeça em uma posição proximamente vertical.

«Para RECOLHER o cavallo, servindo-se o cavalleiro do bridão, é preciso que baixe as mãos, para que a acção do bocado seja sobre as barras e não sobre as commissuras dos beiços ou cantos da bôca; servindo-se do freio, o que é mais usual, o bocado toca nas barras, e portanto a acção está na sua direcção natural. A solicitação deve ser branda, a opposição calculada e pouco superior a resistencia; as pernas devem estar unidas, sem iniciativa, e apenas empregadas em amparar o corpo do animal.» (Reg. Cav.)

Recuar. Recuo. – Movimento, ou melhor suc-

cessão de deslocações do corpo e membros do cavallo para traz. Este movimento difficil para o animal, executa-se de ordinario lentamente, comtudo hoje habeis picadores teem conseguido fazer recuar o cavallo com muita rapidez.

Redeas.—Compridas correias delgadas de coiro, com fivelas e passadores nas extremidades para se prenderem ás argolas inferiores do freio ou do bridão, e que veem á mão do cavalleiro, para dirigir e mandar o cavallo. Os verbos technicos são: ajustar, alongar, encurtar, cruzar, separar. Ha tambem falsa redea, meia redea, venciti-va, redea solta.

Refrear ou Refreiar.—Sujeitar, reduzir, subjugar o cavallo com o freio.

Regular.—Nos andamentos do cavallo, só se diz do PASSO e do GALOPE, se as pistas marcadas no solo pelos pés, estão em cima das pistas das mãos.

Remonta.—Em sentido restricto, dar novo cavallo ao soldado de cavallaria que perdeu o seu. Por extensão a compra ou a acquisição «em grande» de cavallos e muares para a cavallaria e artilheria, para substituir aquelles que faltam ou que não estão no caso de poderem continuar a servir.—O serviço do Estado incumbido a uma commissão chamada COMMISSÃO DE REMONTA.

Remontar.—Prover de cavallos a cavallaria. Por tornar a montar a cavallo não é technico nem se usa dizer.

Render a mão.—Locução empregada na arte de Marialva, para designar aquelle movimento que se faz abaixando e adiantando a mão da redea para diante, seja para deixar sahir o cavallo para a frente, seja para lhe alliviar o sentimento que lhe produz o freio na boca sobre os assentos, e a barbella sobre a barbada.

Resabio.—Vicio, defeito, defensa natural ou adquirida do cavallo, por má configuração sua ou pouca destreza do cavalleiro.

Resaibado.—Diz-se do cavallo que tomou mau costume, asco a alguem ou a alguma cousa. «*O uso do*

tronco, do aziar, e de deitar o cavallo no chão para ser ferrado, são brutalidades ha muito condemnadas, e que, se não chegam a arruinar os cavallos, tornam-os RESAIBADOS *e improprios para o serviço da cavallaria.»* (Relatorio para a reforma da instrucção da cavallaria, pag. 56).

Resenha [1] **ou Resenho,** pois de qualquer das formas se pronuncia e escreve. Enumeração descriptiva mais ou menos minuciosa dos caracteres ou signaes exteriores do cavallo que o fazem reconhecer individualmente e destinguir de qualquer outro. A RESENHA OU RESENHO póde ser: 1.º SIMPLES ou de reconhecimento: 2.º COMPOSTO ou de apreciação. — O RESENHO simples comprehende o nome, o sexo, a idade, a altura, a pellagem e suas particularidades, começando pelos do corpo e continuando seguidamente pelos da cabeça e dos membros. No RESENHO composto accrescentam-se alem d'estes os detalhes geraes sobre a raça, conformação do individuo, seu temperamento, caracter, serviço a que se julga proprio, indicando-se igualmente os signaes accidentaes ou lesões de que está afectado. Deve igualmente declarar-se se a altura foi medida com a cadeia ou com o HYPOMETRO. Tambem se deve declarar a epocha da medição porque sabe-se que póde variar sensivelmente com a edade e estações.

A redacção do resenho exige pois o maior escrupulo e exactidão entre dois ou mais cavallos que seja preciso reconhecer e differençar.

Respingão. Chamam alguns ao cavallo inquieto, desobediente, couceador.

Rincho. A voz propria do cavallo, que elle modifica de cinco maneiras differentes exprimindo outras tantas sensações: *alegria, desejo, amor, colera, temor,* ou *inquietação e dôr.* Estas diversas inflexões de voz são acompadas de outras tantas demonstrações exteriores que as tor-

---

[1] A palavra resenha é muito antiga e exprimia o que hoje nós chamamos mostra revista administrativa.

Parece-nos pois que a voz resenho, deveria ser a technica para designar o objecto d'este artigo.

nam mais expressivas. Os cavallos, que rincham frequentemente de alegria ou desejo, passam por melhores e mais generosos, dizem alguns. Os cavallos inteiros teem a voz mais forte que os castrados e as eguas.

Roçamento. -Um dos tres modos pelos quaes as pernas do cavalleiro actuam sobre o cavallo. «Pelo ROÇAMENTO oppõem-se as pernas ao movimento de um lado. A perna exerce pressão, mas sem iniciativa: e, para obter um movimento util, é preciso que ella roçe o corpo, para estar prompta a amparal-o, e oppôr-lhe uma força igual á do cavallo. A ponta da espora só se emprega quando o cavallo está a ponto de forçar a perna do cavalleiro.» (Reg. Cav.)

Rocim. —Nome que se dá ao cavallo ordinario, inteiro, grosso, e forte.

«*Em Portugal communmente chamão* ROCINS *aos cavallos, ordinarios, inteiros, grossos e fortes:..*» (Arte de Marialva, pag. 33)

Rodado. — Disposição do pellame do cavallo quando representa malhas arredondadas, ordinariamente d'uma tinta mais clara circumscripta por outra do mesmo typo mais escura, e occupando uma pequena superficie do corpo? -Tambem se emprega este termo para designar o pescoço do cavallo que tem o bordo superior convexo e o inferior mais ou menos concavo. Esta conformação e mais procurada para o manejo, e caracterisa certas raças muito estimadas.

Rodopios. — Disposição particular dos pellos n'alguns pontos do corpo do cavallo de maneira a formarem figuras diversas, ja partindo d'um ponto central e descrevendo uma espiral: já partindo d'uma linha recta e abrindo-se para ambos os lados figurando uma espiga, mais ou menos alongada, vertical ou horisontal, concentrica ou excentrica conforme os pellos se dirigem de fóra para dentro ou de dentro para fóra. Os RODOPIOS dizem-se tambem DOBRADOS quando são concentricos e excentricos ao mesmo tempo. Dos RODOPIOS uns são *naturaes* e se mostram em todos os pellames, outros são *accidentaes*, e são estes tão somente que se devem mencionar na resenha.

Rompões. — As partes ou dobras levantadas, pouco mais ou menos a angulo recto, sobre os extremos dos ramos na face inferior da ferradura, para evitar que o cavallo escorregue nas ladeiras ou calçadas: podem tambem ser applicadas nas pinças e ter fórmas variaveis.

Roncar. — Chama-se geralmente assim á bulha que se nota no ventre de alguns cavallos, especialmente quando os obrigam a andamentos apressados.

Ronha. — Affecção pustulosa que sobrevem ao bordo superior do pescoço por entre as crinas, sobretudo nos cavallos inteiros que não copulam ou que passam de trabalhos violentos para descanço prolongado.

Roseta. — Parte da espora, feita ordinariamente em fórma de estrella, e que serve para picar o cavallo.

Rosilho. Rucilho ou Russilho. — De qualquer d'estas tres fórmas se acha escripto nos livros que consultamos, o typo d'uma côr da pellagem do cavallo, formado pela combinação de pellos brancos, vermelhos, e negros, e caracterisado por uma côr tirante a rosada ou a vermelha.

Ha differentes variedades conforme o predominio dos pellos d'estas côres.

Ruço. — Côr da pellagem do cavallo resultante da combinação de pellos brancos, pretos e algumas vezes tambem de pellos alazões vermelhos. Ha numerosas variedades taes como: Ruço-claro ou pombo prateado, procelana, escuro, cardão, andorinho ou andrino, pezenho, tigrado, sabino ou avinhado, mosqueado, tisnado ou tiçonado, rodado, tordo, estorninho, batardo, picarso, aleonado, etc.

S

Sacada. — Movimento subito e vigoroso communicado as redeas pelas mãos do cavalleiro ou do conductor.

Sair ou Romper. — Chama-se assim o acto do cavallo começar a marchar em frente. Quando o cavalleiro quizer fazer SAIR o cavallo, fará sentir o seu peso da rectaguarda para a posição normal. A primeira condição do bom cavalleiro é saber fazer SAIR o seu cavallo, diz o Reg. de Cav. — SAIR Á ESPORA. Partir com impeto o cavallo.

Saltador. — Cavallo que salta bem, quer em largura, quer em altura.

Salto. — E' de todos os movimentos progressivos o mais violento. E' por elle que o corpo é lançado com força para poder alcançar no ar uma distancia proporcional á impulsão dada. Para o executar o cavallo dobra um pouco seus membros depois entesa-os vivamente por uma poderosa contracção muscular. Todas as suas articulações se dobram de certo modo como tantas mollas, cuja tenção simultanea projecta a resistencia que se lhe oppõe. Esta acção para que se execute com brandura, exige alavancas osseas muito favoravelmente dispostas, e movidas por um systema muscular energico: feliz disposição que é o apanagio unicamente d'um pequeno numero de cavallos.

Sarrilhar. — «Puxar alternadamente por cada rédea, cedendo a outra afim de fazer roçar o bridão na bôca do cavallo. — SARRILHA-SE o bridão, quando a insensibilidade da bôca do cavallo é maior, e não cede por isso á acção de DAR e TOMAR (V. esta phrase); ou quando se pretende restabelecer rapidamente a sensibilidade da bôca, como no caso de tentar o cavallo fugir. Pode SARRILHÁR-SE o bridão de dois modos: branda ou fortemente.

Brandamente, quando o cavalleiro quer abrir a bôca do cavallo, que contrahe as maxillas.

Fortemente, quando o cavallo não quer parar em obdiencia á simples pressão do boccado, e o cavalleiro é obrigado a empregar outra acção mais forte.

Branda e fortemente, quando a resistencia do queixo ou a do pescoço do cavallo dura muito tempo, quando tende a exceder a força do cavalleiro, quando é preciso levantar a cabeça do cavallo que se encapota, e, finalmente, conforme

o tempo em que deve executar-se o movimento solicitado.» (Reg. Cav.)

Schabraque. — Peça de panno, formada de duas partes: uma para cobrir as bolsas e capote, a outra para cobrir as ponta das costellas e os rins do cavallo, ligando-se ambas debaixo das abas do sellim por meio de botões. O SCHABRAQUE tem dois fins: um de ornato, outro de utilidade. O de utilidade e o principal, e consiste: quanto á parte anterior, em resguardar, até onde é possivel, as bolsas ou coldres e o capote da poeira e da chuva; e quanto á parte posterior, em defender a região renal da chuva e ainda mais de resfriamentos, se o cavallo transpira.

Sedas. — Nome que alguns dão ás crinas do cavallo, e que nos parece bastante improprio.

Sedenho.—Tira de panno ou fita larga de linho que atravessando uma porção de pelle e tecidos subjacentes, produz constante irritação, a qual dá logar a secreção purulenta n'aquelle ponto.

Selladouro. — (V. DORSO).

Sellar. — Rigorosamente pôr, collocar, adaptar a sella ao cavallo. Aparelhar (V. este termo)

Sellim.—Parte do arreio do cavallo destinada a servir de assento ao cavalleiro. As principaes partes de que consta são: o ASSENTO que vae descripto no seu respectivo logar alphabetico; e as ABAS grandes peças de coiro, que de um e outro lado do corpo do cavallo impedem que as pernas do cavalleiro estejam em contacto com o pello do animal.

Sendeiro. — Epitheto que vulgarmente se dá ao cavallo magro, que não é da marca, nem póde servir para a guerra.

Sensibilidade.—«Faculdade que tem o cavallo de perceber o calor, o frio, a dôr, o aperto, o cheiro, o sabor, etc.

«A SENSIBILIDADE é atacavel por cinco especies de impressões distinctas, que o animal póde receber, e ás quaes correspondem os cinco orgãos dos sentidos: a *vista*, o *ouvido*, o *tacto*, o *olphato* e o *paladar*.»

«O orgão da vista faz perceber ao animal as fórmas, as posições, as dimensões e as côres dos objectos; o do ouvido os sons; o do tacto a dureza dos objectos, a sua aspereza ou polido, o seu calor ou frio, a sua pressão; o do olphato os cheiros exhalados dos corpos; e o do paladar o sabor das substancias que o animal mastiga ou engole.»

«Como, porém, a sensibilidade é mais ou menos perfeita ou fina em uns cavallos do que em outros, os meios empregados pelo homem, para os dominar e governar, precisam ser menos ou mais inergicos.

D'aqui se deduz naturalmente a necessidade da gradação dos agentes do governo.» (Reg. Cav.)

Sentido.—E' retomar a posição primitiva, estando em descanço, fazendo firmeza nos estribos, e inclinando o corpo para a frente, levantar-se-ha o cavalleiro um pouco do sellim, para se assentar immediatamente mais adiante e na posição prescripta endireitando-se; e ao mesmo tempo levará os punhos á posição respectiva, fazendo sentir por igual ambas as rédeas na bôca do cavallo.

Ser rude á mão.—«Quando o cavallo descança sobre a embocadura do freio, sem acudir ao governo que o cavalleiro lhe quer dar por meio das sensações do freio dizemos que *peza na mão*. Esta qualidade de cavallos não sente as sensações da embocadura sobre os assentos, senão quando ellas são impellidas de uma grande força.» (Marialva).

Serpentina.—Se diz da lingua do cavallo, quando anda alternadamente fóra e dentro da bocca.

Serro.—O mesmo que DORSO. Denominação pouco usada d'esta região do cavallo.

Signaes.—Na pellagem dos cavallos, dá-se esta denominação generica, a qualquer porção de pellos de differente côr e destacado do todo da pellagem, por diversa que seja a sua disposição e situação. Os SIGNAES podem dividir-se essencialmente em brancos e pretos; alguns d'elles são quasi privativos de certos pellames ou de certas regiões do corpo, outros encontram-se indistinctamente em todos os pellames e em todas as regiões.

Silva.—Nome do signal, ou laivo branco, que principia acima dos olhos no meio da testa, e acaba declinando para as ventas do cavallo. Este signal é bom diz Marialva.

Sisgóla.—Correia que na cabeçada, passa pela parte inferior do pescoço do cavallo, e pela ganacha, para evitar que a cachaceira possa escorregar para a frente.

Sobre-mão e Sobre-pé.—Tumor duro, que toma estes nomes, conforme se desenvolve na frente do casco anterior do cavallo (mão) ou no posterior (pe). A sua posição embaraça o jogo da articulação e dos tendões e dá logar á manqueira do membro onde apparece.

Sofreada.—A acção de puxar e recolher as redeas de repente, para reter e molestar o cavallo desbocado. Synonimo de SACADA.

Solandres. — Fendas transversaes na dobra do curvilhão do cavallo, que difficultam ás vezes o movimento da articulação no começo do exercicio; raramente se curam de todo.

Soldra.—Parte arredondada que se divisa na articulação da coxa com a perna junto do flanco do cavallo. Tambem se lhe dá a denominação de BABILHA.

Soleira. Parte inferior do estribo onde se appoia o pé do cavalleiro.

Solicitação.—A acção e os meios que o cavalleiro emprega para animar o cavallo a marchar ou executar qualquer outro movimento.

«Um cavallo SOLICITADO violentamente no sentido de um movimento, executal-o ha se os tres agentes actuarem de accordo; e não o executará muitas vezes, se fôr solicitado brandamente, ou se os tres agentes não estiverem de accordo.» (Reg. Cav.)

Sopear. — Subjugar, reprimir, reduzir, sujeitar o cavallo por meio do freio. O mesmo que REFREAR.

Suadouros.—Especie de almofadas ou coxins de lã que forram interiormente todo o sellim, ou pregados por baixo na armação da sella, que assentam sobre o corpo do cavallo para não o molestar.

Suspender.—O mesmo que PIAFER, segundo Marialva. (V. PIAFER.)

Syderotechnia.—Este nome, modernamente introduzido em Veterinaria, comprehende a arte de forjar ferraduras methodicamente, e applical-as d'uma maneira racional e conveniente, ao casco são, para lhe conservar a integridade; e ao doente, ou defeituoso, para curar a molestia e corrigir o defeito.

T

Taboas.—Denominação que vulgarmente se da ás faces lateraes do pescoço do cavallo, distinctas em direita e esquerda.

Tacto.—«E' o orgão dos sentidos mais importante para o cavallo, e principalmente para o cavallo de guerra. Todos os orgãos dos sentidos estão na cabeça do cavallo, e o do TACTO, em maior ou menor grau, está espalhado por todo o corpo.—E' pelos orgãos dos sentidos e principalmente pelo do TACTO, que o homem domina e governa o cavallo. Este orgão existe por baixo da pelle do animal.—Antes de exercer qualquer acção sobre a pelle do animal, é preciso pôr em contacto com ella um AGENTE ou um auxiliar (V. AJUDAS), e não atacar este orgão despropositadamente, sobretudo nas partes mais sensiveis, como são as barras.—O cavallo de guerra, principalmente o que é destinado ao soldado, não deve ter uma sensibilidade de tacto muito susceptivel nas ilhargas; e por isso, quando ella fôr grande nos pontos que estão em relação com as pernas do cavalleiro, com as suas armas, com as redes de palha, saccos de cevada, etc. será necessario esfregar amiudadas vezes todos esses pontos com a mão, e baterlhes pequenas palmadas; mas com franqueza, e tranquili-

sando ao mesmo tempo o cavallo com a voz, a fim de embotar de certo modo aquella excessiva sensibilidade.—Este methodo deve ser empregado com mais insistencia para combater a falsa sensibilidade que se chama *cocegas*. (Reg. Cav.)

Tapa.—Cinta ou caixa cornea que fórma o contorno exterior do pé do cavallo, unica parte que se vê quando elle tem o pé assente no chão.

Tapar-se.—Diz-se do cavallo, que na marcha assenta as extremidades anteriores, na frente uma da outra; e sempre o resultado de um defeito de aprumo nos membros. O cavallo com este defeito pode caír, tocando-se

Terços (em)—E uma das maneiras em que, na EQUITAÇÃO, se considera dividido o corpo do cavallo. Esta divisão, como a palavra o diz, comprehende tres partes: TERÇO ANTERIOR, TERÇO MEDIO e TERÇO POSTERIOR, que tambem se designam por ANTE-MÃO, CORPO e POST-MÃO.

Entende-se por ANTE-MÃO ou TERÇO ANTERIOR tudo quanto está comprehendido entre as ventas e as extremidades anteriores (inclusive); ou todas as partes que ficam para diante da mão esquerda do cavalleiro na acção de montar.

POST-MÃO ou TERÇO POSTERIOR — é tudo quanto fica comprehendido entre as extremidades posteriores, incluindo estas mesmas, e a extremidade da cauda; ou tudo que fica para traz da mão direita do cavalleiro, na acção de montar.

CORPO ou TERÇO MEDIO, é a parte media do animal, que fica comprehendida entre aquellas duas outras; ou as regiões que ficam fronteiras ao cavalleiro, na mesma acção de montar.

Terra-á-terra.—E' uma successão de pequenos e mui rasteiros saltos pelos quaes o cavallo avança sempre, mas de lado.

Terreiro.—O mesmo que RASTEIRO, fallando-se do cavallo. (V. RASTEIRO)

Testa.—Região superior e anterior da cabeça do cavallo que se estende desde a nuca até á linha dos olhos. Está separada da nuca pelo topete, e limitada inferior-

mente pelo chanfro pouco mais ou menos ao nivel da linha dos olhos; e aos lados pelos olhos e fontes.

Testeira. — Peça da antiga BARDA, loriga ou armadura do cavallo, que lhe cobria a cabeça, e se unia pela parte superior á CAPIZANA, descendo até ao focinho. Geralmente tinha orelhas e tambem uma grade para defender os olhos. TESTEIRA MOCHA era a que não tinha orelhas: e TESTEIRA de unicornio, quando tinha no centro uma ponta aguda—No arreio actual e regulamentar, TESTEIRA é a correia da cabeçada que passa pela testa do cavallo.

Testudo. — (V. NUCA).

Tigrado. — Denomina-se o pellame ou pell[illegible] do cavallo quando apresenta largas manchas mais ou [illegible] nos escuras, que tem analogia com as da panthera. [illegible]

Tirada. — Espaço largo de caminho, andame[illegible] de tempo: — Vulgarmente diz-se ESTIRADA por [illegible] andar apressado, ou de longo caminho.

Tirantes. — Nome generico das cadeias, cordas ou correrias com que o gado tira a viatura.

Tirar pela mão. — Phrase que Marialv[illegible] empregа para exprimir, do seguinte modo, o defeito [illegible] vallo estender o focinho para cima ou para qualquer [illegible] dos:

«Quando o cavallo tem o defeito de extender [illegible] samente o focinho para cima, ou para aquella parte [illegible] onde elle esta mais facil, dizemos que *tira pel[illegible]*: n'este caso enteza a boca contra a mão do cavall[illegible] e isto é muito máo, ou elle o faça por ignorante, ou p[illegible] maligno, e reçabiado».

Tiro. — O acto ou serviço de puxar as v[illegible] effectuado por meio de cavallos ou muares; e ta[illegible] reunião, ordinariamente, de dois d'estes animaes pa[illegible] esse fim, sendo n'esta accepção, synonimo de PARELHA

Em artilheria disigna-se tambem com o nome d[illegible] qualquer numero de parelhas (ordinariamente 3) e[illegible] ás peças ou carros.

Destingue-se o serviço de TIRO, em *ligeiro e pe[illegible]*. No primeiro caso está por exemplo, a tiragem das carrua-

...a contra marca hade ser cortar-se-lhe a orelha esquerda para que fique TRONCHO, *e porse-lhe o ferro na anca da parte direita, de modo que Selhe não possa Cobrir com o chairel, e o numero que tiver da Companhia atravessado Com o outro ferro.*» (Decreto de 30 de julho de 1701).

Tronco.—Nome que muitos hippologos dão á parte do cavallo, que em EQUITAÇÃO se denomina CORPO, FEUÇO, ou QUARTO MEDIO.—Tambem se denomina TRONCO a parelha, de cavallos ou muares, engatada ao jogo dianteiro das viaturas.

Tropel. Tropear.—Ruido produzido no solo por multidão de cavallos marchando. Ou, o som resultante das BATIDAS de muitos cavallos. (V. Batida).

TROPEAR, expressando esta mesma idéa, é verbo usado em estylo elevado, como se vê, por exemplo, no seguinte trecho. «*Pelas trevas um ruido sumido mas incessante de passadas d'homens, e de* TROPEAR *de cavallos soára horas inteiras em um e outro campo.*» (A. Herculano. *Eurico*, cap. XI. pag. 110).

Trotão. O cavallo que trota muito e bem.—Corredor, ligeiro. Nome generico, como CORCEL, do cavallo de guerra ou de batalha.

Trotar.—Marchar, andar no cavallo a trote.

Trote.—«Andamento em que o cavallo faz ouvir batidas egualmente espaçadas e executadas successivamente por cada bipede diagonal; e de rapidez tal que póde geralmente vencer uns 240 metros por minuto: e é o mais proprio quando se pretende vencer rapidamente uma grande distancia.»

«O trote opera-se em dois tempos, de modo que, quando o bipede diagonal direito está no chão, está o bipede diagonal esquerdo no ar e reciprocamente, ouvindo-se distinctamente duas batidas 1,2,1,2.»

«Assim como no passo, tambem no trote se distinguem tres especies.—curto, regular e largo (conforme as pistas dos pés estão atraz, em cima, ou adeante das das mãos)». (Jales—Equitação).

U

Unha.—Synonimo de PÉ e de CASCO, fallando-se do cavallo, e em geral dos solipedes.

UNHAS ABAIXO, UNHAS ACIMA são locuções technicas para designar o movimento ou posição da mão da redea n'estes dois sentidos.

Unir o cavallo. — «Unir e ajustar o cavallo, diz Marialva, é fazel-o egualar os seus movimentos por meio da lição dando-lhe n'elles desembaraço, e flexibilidade tal que o possam, formar, e constituir perfeito n'aquelle ar, ou andar que lhe é proprio.»

O *Regulamento de cavallaria*, descreve com a maxima clareza esta acção da maneira seguinte:

«Chama-se unir o cavallo a maneira de fazel-o collocar bem sobre os seus membros; situação esta, em que está prompto a executar os movimentos, e em que os executa em perfeito equilibrio.

Para fazer UNIR o cavallo, acção esta que constitue um movimento combinado, emprega-se de ordinario o freio. Primeiramente exerce-se a pressão das pernas junto ás cilhas, e depois executa-se a solicitação branda do freio, e opposição calculada, mas egual á resistencia. Se o cavallo não está em movimento, o cavalleiro conserva o corpo bem posto no sellim, fazendo cair o peso sobre o lado para que ha de mover-se, se a acção de unir é preparatoria do movimento.—O cavalleiro deve previamente UNIR o seu cavallo todas as vezes que quizer determinar algum movimento.»

V

Vara.—Haste delgada de marmelleiro, ou de alamo branco, que serve para compostura do cavalleiro, e para lhe fazer adquirir um movimento livre no braço e mão direita, e tambem para ajudar e castigar o cavallo. A *Arte* de Marialva descreve os modos do cavalleiro se servir d'este auxiliar dos agentes do governo.

Vasios.—O mesmo que FLANCOS, ILHAES ou ILHARGAS.

Vencitivas.—Nome de uma especie de redeas, USADAS nos picadeiros para ensino dos cavallos.

Voltas.—Movimentos que executa o cavalleiro para mudar individualmente de direcção. Estas mudanças executam-se pela acção simultanea dos agentes. As vozes são: DIREITA VOLTAR, ESQUERDA VOLTAR e DIREITA (OU ESQUERDA) MEIA VOLTA.

Vontade.—«É uma força interior que leva o cavallo a praticar acções que julga convirem-lhe. É por VONTADE que o cavallo em liberdade se deita, se levanta, anda, corre, pára, etc.; é por VONTADE que o cavallo sujeito ao governo do homem, lhe obedece ou resiste.» (Reg. Cav.)

Voz.—A voz do homem é um auxiliar poderoso sobre o moral do cavallo (V. AJUDAS): empregada com brandura, socega-o e torna-o attento; com certa energia, mas sem aspereza, anima-o; forte, aspera e cortada, atemorisa-o e suspende-lhe os movimentos.

No ensino é preciso fallar frequentemente com brandura ao cavallo para o tranquilisar, e combater n'elle os receios pela estranheza do que vê e ouve.

Vozes de commando.—Conjuncto de palavras regulamentares de que o PICADOR ou instructor se

serve para mandar fazer os diversos movimentos e exercicios equestres. Como na tactica, as VOZES devem constar de duas partes, uma de *advertencia* e outra de *execução*. Devem ser simples, de uma redacção precisa e em numero restricto. Finalmente, as VOZES DE COMMANDO no picadeiro devem ser as mesmas dos movimentos tacticos, com as excepções unicas das de *circular, ao largo, passar de mão*, em certos casos, e *ladear com a frente ou com a garupa ao muro;* as quaes não encontram na tactica equivalentes.

X

Xairel.—(V. MANTA.)

Xairelado.—Chama se ao cavallo e tambem ao signal ou malha branca que elle apresenta no logar do selladouro em fórma de xairel.

Z

Zaino.—Nome que se dá ao cavallo de uma só côr, ou cuja totalidade de pellos é da mesma tinta, denominação que se accrescenta ao nome da côr.

Zebrado.—Caracteristico do pellame de certos cavallos que apresenta linhas escuras transversaes semelhantes ás da zebra. É principalmente nos membros que estas linhas se encontram. Diz-se cavallo ZEBRADO quando, por exemplo, nos curvilhões e joelhos, apresenta estas riscas ou linhas escuras.

Devido a erro typographico não foram nos seus respectivos logares alphabeticos os seguintes vocabulos:

Pirueta. — Movimento circular do cavallo, em estação. A PIRUETA pode ser inversa ou directa.

«Chama-se PIRUETA *inversa* — ao movimento executado pelo cavallo quando, ficando as mãos e espaduas sensivelmente na mesma posição, os pés e a garupa descrevem um circulo completo em torno d'aquellas, podendo este movimento ser executado pela direita ou pela esquerda.»

«Chama-se PIRUETA *directa*—o movimento inverso a este, quando, ficando as pernas e a garupa do cavallo sensivelmente na mesma posição, as mãos e as espaduas do animal descrevem um circulo completo em torno d'aquelles; e pode tambem ser direita ou esquerda, conforme o lado por ende se executar o movimento.»

«Para executar a pirueta inversa, começará o cavalleiro (como em todos os demais movimentos) por tratar de unir o cavallo, e em seguida, fazendo-lhe sentir a perna direita por detraz das cilhas, e obrigando ao mesmo tempo o cavallo a sentir levemente a redea direita (se a pirueta e para a esquerda), fará com que o animal desvie a garupa para a esquerda, continuando tal movimento até ter feito uma volta completa.»

«Na pirueta para a esquerda as ajudas seriam exactamente o contrario.»

«Para executar a pirueta directa, terá o cavalleiro de unir o cavallo, e de encostar a perna esquerda por detraz das cilhas, para aguentar a garupa, ao mesmo tempo que lhe deverá fazer sentir a redea direita (quando a pirueta fôr para a direita) e com a perna direita lhe determinará o movimento, por meio de pancadas perfeitamente destacadas umas das outras, mas ligeiras e repetidas.»

«Se a pirueta fosse para a esquerda, applicaria as ajudas exactamente oppostas a estas.»

«Nas piruetas deve haver o cuidado de estar sempre prompto para fazer sahir o cavallo para a frente, porque muitas vezes o animal procura subtrahir-se recuando.» (Jalles — Equitação — na Bibliotheca do Povo e das Escolas).

Pista. — O caminho ou signaes que descrevem os quatro pés do cavallo andando.

Poldro e Potro. E' frequente designar-se com qualquer d'estes nomes, indistinctamente o cavallo ou a egoa, desde que nasce até aos cinco annos. A *Arte* de Marialva, porem, reserva o nome de POLDRA (femenino) para a egoa, e o de POTRO para o cavallo durante aquelle mesmo periodo de vida.

Poney. — Nome inglez d'uma raça de cavallos muito bons corredores.

Posição do cavalleiro. — A' maneira mais commoda e natural do cavalleiro se collocar e manter sem esforço algum sobre o cavallo, com garbo e firmeza, afim de o poder dirigir e mandar convenientemente, podemos chamar: — A POSIÇÃO DO CAVALLEIRO.

Para adquirir com mais promptidão e facilidade esta posição, sem a qual ninguem poderá ser bom cavalleiro, deverá observar-se rigorosamente, as seguintes motivadas regras, que, do *Regulamento de cavallaria*, que nos tem servido de principal guia n'este diccionario, em seguida as transcrevemos na integra:

a) «A cabeça deverá ser conservada direita, para que não arraste o peso do corpo mais para o lado para onde estiver inclinada; e bem levantada sem esforço do pescoço para que os seus movimentos sejam independentes do corpo, e possa voltar-se para qualquer lado com facilidade.»

«Os olhos devem fixar um ponto entre as orelhas do cavallo, todas as vezes que o cavalleiro não fôr obrigado a dirigir a vista para outro lado.»

b) «O tronco do corpo estará direito, mas um pouco in-

clinado para traz, como se o homem estivesse assentado com commodidade, e flexivel, porque sem isso não poderá conservar se na posição; os hombros igualmente recuados, porque, se estivessem puxados para diante, fariam recolher o peito, e abahular as costas, e se estivessem demasiadamente puxados para traz, fariam recolher os rins, e tolheriam os movimentos dos braços.»

c) «Os braços deverão conservar-se livres e flexiveis, para empregarem nas suas acções só a força necessaria. Alem d'isso, todo o movimento constrangido tem falta de exactidão.»

«Os cotovelos não estarão unidos nem muito affastados do corpo, e penderão naturalmente na direcção dos quadris; não só a fim de contribuirem para fazer cair o peso geral do corpo sobre a base de sustentação, como para não communicarem a sua rigidez ao corpo ou aos ante-braços.»

d) «Os rins deverão estar recolhidos, para dar ao cavalleiro elegancia e firmeza; mas sem rigidez, porque ella o impediria de se harmonisar com todos os movimentos do cavallo.»

e) «As pontas das nadegas (ossos iliacos) deverão assentar igualmente sobre o sellim, e nem muito adiante nem muito atraz: igualmente, porque, servindo de base á posição do cavalleiro, é preciso que todo o peso do corpo seja repartido por ambos com perfeita igualdade, para que o tronco do homem se conserve aprumado; não muito adiante, porque pondo-se o cavalleiro muito sobre a forquilha, diminuir-se-ia a extensão da base de sustentação, sobrecarregar-se-hiam os quartos dianteiros do cavallo, e collocar-se-hia o homem em condições de mais facilmente ser desequilibrado pelas reacções do cavallo; não muito atraz, porque se traria o peso demasiadamente sobre os quartos trazeiros, impedir-se-ia ao cavalleiro de bem cingir o cavallo com as coxas, e de applicar com a maior facilidade as pernas ao governo.

f) As coxas deverão ficar voltadas para dentro, mas sem esforço, a fim de que as faces internas, que são ge-

ralmente chatas, se unam ao sellim, deem ao cavalleiro uma maior adherencia ao cavallo, e lhe augmentem a solidez: caindo naturalmente por effeito do seu proprio peso e do das pernas: porque, se assim não fosse só poderiam estender-se com esforço, e os seus movimentos tornar-se-hiam duros.

g) As articulações dos joelhos estarão flexiveis, para permittirem às pernas o moverem-se facilmente, e serem applicadas mais ou menos á retaguarda sem desconcertarem as coxas.

h) As pernas deverão cahir livre e naturalmente pelo seu proprio peso, porque, se estivessem retesadas pela contracção dos musculos, difficultariam a sua acção. Se o cavalleiro não fizer uso dos estribos, as pontas dos pés penderão tambem naturalmente; mas, se fizer uso d'elles, as pontas dos pes estarão um pouco mais altas que os calcanhares, e um tanto voltadas para as espaduas do cavallo por effeito da posição das coxas.

i) Para que o cavalleiro tenha garbo e firmeza, é preciso que mantenha a posição sem esforço algum, e conservando tanta flexibilidade em todo o corpo, como se fizesse parte do cavallo. Estando o corpo flexivel, bastará o seu peso para o sustentar no sellim, comtanto que elle seja aproveitado de modo, que a cada reacção do cavallo se alargue a base de sustentação.

VENDE-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

PREÇO 400 RÉIS

Remette-se franco de porte para qualquer terra do continente do reino e das ilhas adjacentes, a quem enviar a sua importancia em estampilhas do correio ao seu auctor, residente na

QUINTA VELHA
DO
REAL PAÇO DA BEMPOSTA
LISBOA